

Universidade de Brasília (UnB)
Instituto de Artes (IDA)
Departamento de Design (DIN)

Giovanna Viana Mundstock Freitas

POMAR SOLIDÁRIO

Design de serviço para a diminuição da perda de frutas no Park Way - DF

Brasília
Junho / 2019



Universidade de Brasília (UnB)
Instituto de Artes (IDA)
Departamento de Design (DIN)

Giovanna Viana Mundstock Freitas

POMAR SOLIDÁRIO:

Design de serviço para a diminuição da perda de frutas no Park Way - DF

Monografia apresentada ao Departamento de Design da Universidade de Brasília como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Design com habilitação em Programação Visual, sob a orientação da professora Nayara Moreno de Siqueira.

Brasília
Junho / 2019

*A todos que se dedicam a trabalhar em
prol de um mundo melhor.*

AGRADECIMENTO

Esse agradecimento vai ser longo, porque graças a Deus, eu tenho muitos motivos para ser grata.

À minha família

O design para mim foi o aprimoramento de uma habilidade e a formalização em uma profissão, de algo que eu fiz e observei ser feito a minha vida toda, ou seja, aplicar a criatividade para desenvolver soluções para os problemas do dia-a-dia. Eu cresci em uma família de designers formados pela vida, pessoas curiosas e observadoras que sempre encontraram formas inusitadas de resolver os problemas do cotidiano, que sempre souberam dar um jeito com aquilo que se tinha acesso. Agradeço ao meu pai que me ajudou a tirar essa ideia do papel e que despertou desde a infância em mim essa vontade de projetar e produzir coisas novas através de casinhas de bonecas, brincadeiras e desenhos. À minha mãe que também me ajudou neste trabalho, e que sempre me ensinou que o conhecimento é a maior riqueza que a gente pode ter e me fez desenvolver a empatia e responsabilidade social, intrínsecas a esse projeto. Obrigada por todo o apoio em todas as minhas ações sociais. À minha irmã que me ensinou que tudo na vida requer esforço e trabalho duro, e que o meu maior problema não pode ser maior do que a minha maior desculpa.

À Dinda e ao Dindo, que também contribuíram para o despertar dessa vocação, através da costura, bordado, tecnologia e programas de computador. Aos meus tios e primas por estimularem minha criatividade me envolvendo em seus projetos. E aos meus cachorros, Giuly, Nahla, Jojô, Sansão e Bongo por todo o amor incondicional ao longo da vida e lambidas nas pernas enquanto eu escrevia esse TCC.

Aos meus amigos

Meu muito obrigado também aos meus amigos, elementos fundamentais do meu sucesso. Começo agradecendo aos que vieram à apresentação, se vocês estão aqui é porque eu significo algo para vocês e tenham certeza de que vocês também significam muito para mim!

Às minhas amigas de infância, Iza, Krissia, Eduarda e Carla, com quem fabriquei meus primeiros brinquedos e acessórios. E às minhas amigas de escola; Elisa, que em uma escola que só valorizava os cursos mais tradicionais, me ajudou a manter a criatividade e o amor pela arte vivos e à Mari, que é um exemplo de como ser uma pessoa melhor a cada dia. Agradeço também à Arnóbia, que ajudou a cuidar de mim na minha infância, costurou pra mim tantas roupas de boneca e leu tantos livros e à Lilian que, da mesma forma, é tão cuidadosa e colaborou para o projeto.

Agradeço, ainda, enormemente a todos os meus amigos do Senado, que me ensinam tanto e me ajudam a me tornar uma designer melhor a cada dia. Servidores, jardineiros, porteiros, lavadores de

carro, copeiras, funcionárias da limpeza, estagiários e menores aprendizes. Seriam muitos nomes para citar e sei que maioria não lerá esse agradecimento, mas quero registrar em algum lugar minha gratidão por todo carinho, conversas e sorrisos. Especialmente ao Henrique, Juliana e Pandino que me dão um voto de confiança diariamente. Matheus Carrion, Paulo Meira e Fernando Dall'Onder que já me proporcionaram tantas oportunidades legais de exercitar o meu conhecimento. E claro, à Jamile Maeda, minha parceira de trabalho que tanto contribuiu para o meu TCC e que foi a melhor amiga que fiz ao longo dessa graduação.

Sou grata também aos amigos da Veterinária, por viverem comigo os primeiros anos dessa incrível experiência que é a vida universitária e permanecerem na minha vida, me apoiando e divertindo todo dia no *hootex*. Obrigada por me inspirarem a buscar o design, me mostrando que seguir nossa real vocação é uma dádiva. Aos meus amigos de cursinho por terem participado dessa mudança tão relevante na minha vida e, mesmo morando em outras cidades, se manterem tão presentes até hoje. Agradeço ainda à Michele por me ajudar a superar tantos obstáculos, inclusive o da procrastinação. E, por fim, ao Valdemir, amigo do meu pai, por ter contribuído tantas vezes ao longo da minha formação consertando o meu computador e, ao final, com as impressões e as ferramentas.

Aos mestres

Minha enorme gratidão aos meus professores e à Universidade de Brasília pela formação que me proporcionaram, não se restringindo apenas às teorias e técnicas do design, mas a uma formação completa que me tornou uma profissional, um ser humano e uma cidadã melhor.

Em especial, à minha orientadora Nayara Moreno por “topar” enfrentar esse desafio comigo; ao Tiago Barros por ampliar meu horizonte sobre o design desde o primeiro semestre; ao Evandro Perotto por se dedicar tanto em fazer o mundo e a universidade lugares melhores e por me acolher por tantos semestres na serigrafia. Também, às professoras Geórgia Castro e Ana Mansur por todo carinho e oportunidades proporcionadas. Por fim, ao Rodrigo Narcizo, da ANAC, pela disponibilidade de sempre e por todos os ensinamentos acerca do *design thinking* proporcionados a mim e aos meus colegas de trabalho.

À Deus

Por todas as bênçãos e provações que o Senhor me proporciona a cada dia, elas me tornam uma pessoa melhor e mais forte. Obrigada por colocar as pessoas certas na minha vida e por ser tão generoso comigo.

“We did not come to fear the future, we came to shape it.”

(Barack Obama)

RESUMO

A vizinhança do Park Way, no Distrito Federal, é marcada por terrenos grandes onde vários moradores cultivam árvores frutíferas. Entretanto, muitas frutas se perdem, pois os moradores sozinhos não conseguem consumir toda a produção de suas árvores. Com base nisso, foi desenvolvido esse trabalho com o objetivo de criar um ponto de compartilhamento de frutas na região visando a diminuição da perda de alimentos. Nele, os moradores podem deixar frutas que possuam em excesso, disponibilizando-as para que qualquer pessoa possa pegar, sejam vizinhos, trabalhadores ou instituições de caridade. Desenvolvido a partir do design *thinking* de serviço, o projeto utilizou o método do design em busca da inovação social, obtendo ótimos resultados com o projeto piloto adotado, contando com grande engajamento da população local, evitando o desperdício de pelo menos 56.7kg de frutas em apenas 2 semanas. Projetado para ter alta independência e resiliência, o trabalho cumpre seu papel, visto que funciona quase que exclusivamente à base da interação da comunidade, não sendo necessários mecanismos de gestão ou pessoas destinadas a esse fim. Conclui-se, portanto, que se trata de uma verdadeira inovação social que gera impacto para a microrregião onde foi testada e possibilita replicação em outras cidades.

Palavras-chave: Design, Design de Serviço, Perda de alimentos, Solidariedade, Colaboração

ABSTRACT

The Park Way neighborhood, in the Federal District of Brazil is a place that has really large pieces of land, in which its owners grow lots of different types of fruit trees for their own consumption. However, it is known that a huge amount of this food goes to the trash because the trees produce much more than the owners can consume. Based on this information, it was developed this work, which the objective is to reduce the loss of all this organic food by creating a spot for trades and donations in the local Community, where the owners can leave all these fruits they can't consume for anyone who has interest in taking them, whether they are neighbors, domestic servants or charities. Designed from the service design thinking methodology, this Project was focused on creating a social innovation. Its prototype had great results in engaging the local Community, avoiding at least 56.7kg of waste in only two weeks. The process running behind it is highly independent and resilient, functioning almost exclusively through the interaction of its users, not being necessary mechanisms of management or people designated to run it. It is concluded that it is a genuine social innovation that impacts positively the neighborhood in which it was tested and can be replicated for other cities and places.

Keywords: Design, Service Design, Food Waste, Solidarity, Collaboration

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Duplo Diamante.....	25
Figura 2: Esquema de iteração realizado	27
Figura 3: Sub-regiões do Park Way	28
Figura 4: Biblioteca popular na W3 Norte.....	29
Figura 5: Geladeira Comunitária em Auckland, Nova Zelândia	30
Figura 6: Geladeira Solidária em Goiânia, Brasil.....	30
Figura 7: Mapa de stakeholders preliminar.....	37
Figura 8: Mapa de <i>Stakeholders</i> Final	39
Figura 9: Persona 1, Carlos, morador do Park Way	40
Figura 10: Persona 2, Mônica, moradora do Park Way.....	41
Figura 11: Persona 3, Maicon, prestador de serviço	41
Figura 12: Persona 4, Antônia, prestadora de serviço.....	42
Figura 13: Primeira alternativa de serviço	43
Figura 14: <i>Blueprint</i> da alternativa 1	44
Figura 15: Região definida para o projeto	46
Figura 16: Análise de SWOT/FOFA da alternativa 2.....	47
Figura 17: Exemplo de banca de hortifrutis da feirinha da 14 - Park Way.....	48
Figura 18: Mapeamento de “concorrentes”	49
Figura 19: Demonstração dos critérios de escolha do ponto de compartilhamento.....	50
Figura 20: Parada de ônibus antes da implementação do projeto	51
Figura 21: Desenho técnico da parada de ônibus escolhida.....	51
Figura 22: Logotipo criado para o Pomar Solidário	52
Figura 23: Layout projetado para o ponto de ônibus	53
Figura 24: Exemplos de como a ferramenta (Instagram/stories) vem sendo utilizada	53
Figura 25: Foto de um dos caixotes antes de ser adaptado	55
Figura 26: Eu e meu pai fabricando a estante a partir dos caixotes	55
Figura 27: Impermeabilização do papel.....	56
Figura 28: Preparação do gerador	57
Figura 29: Perfuração do concreto armado	58

Figura 30: Progresso da pintura	58
Figura 31: Colagem da sinalização	59
Figura 32: Fixação das estruturas.....	59
Figura 33: Resultado final da reforma do ponto de ônibus.....	60
Figura 34: Primeira doação no Pomar Solidário.....	61

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Em qual região você mora?	32
Gráfico 2: Você consegue consumir toda a produção dessas árvores?.....	32
Gráfico 3: Para quem você estaria disposto(a) a doar o excesso de produção das suas árvores?	34
Gráfico 4: Qual seria o grau de esforço que estaria disposto a fazer para realizar essa doação?	34
Gráfico 5: Excedente recolhido ao final do dia.....	62

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Descrição dos graus de (in)segurança alimentar.....	14
Tabela 2: Tipos de frutos e quantidade de plantas.....	33
Tabela 3: Orçamento do protótipo	60

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
1 A PREPARAÇÃO DO SOLO	17
1.1 O PAPEL DO DESIGN.....	17
1.2 DESIGN THINKING E DESIGN DE SERVIÇOS	19
1.3 DESIGN PARA INOVAÇÃO SOCIAL	20
1.4 DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL.....	21
1.5 A IMPORTÂNCIA DA AÇÃO LOCAL	23
2 O PLANTIO DA IDEIA.....	25
2.1 METODOLOGIA.....	25
2.2 DESCOBERTA	27
2.3 DEFINIÇÃO.....	37
2.4 DESENVOLVIMENTO.....	42
2.4.1 Alternativa 1 – O serviço mais completo possível	43
2.4.2 Alternativa 2 – Geladeira comunitária.....	46
2.4.3 Alternativa 3 – A escolhida	48
2.5 ENTREGA.....	54
3 A COLHEITA DE RESULTADOS	62
3.1 RESULTADOS DO TESTE.....	62
3.2 PREVISÕES DE MELHORIA PARA O PROTÓTIPO	64
3.3 DESENHO FINAL DO SERVIÇO	66
3.4 <i>BLUEPRINT</i> FINAL DO SERVIÇO.....	67
3.5 PREVISÕES DE MELHORIAS PARA O PROJETO.....	68
CONCLUSÃO.....	70
REFERÊNCIAS.....	71
APÊNDICE A.....	74
Questionário de levantamento de dados	74
APÊNDICE B.....	78
Transcrição da entrevista com o <i>Fruit Map</i>	78

APÊNDICE C	88
MEMORIAL DA ENTREVISTA COM LILIAN OLIVEIRA.....	88
APÊNDICE D	90
MANUAL DE IDENTIDADE VISUAL	90
APÊNDICE E	101
CLIPPING DAS REPORTAGENS.....	101

INTRODUÇÃO

Este projeto surgiu da inquietação em ver a grande produção e desperdício de tangerinas na minha casa durante três meses corridos do ano, numa quantidade capaz de alimentar dezenas de amigos, parentes e colegas de trabalho. Não obstante as doações às pessoas próximas, muitas das mexericas apodrecem pela produtividade elevada da árvore. Além disso, em meu terreno ainda existem coqueiros, um limoeiro, pés de acerola, pitanga, goiaba e laranja que compartilham a característica da abundância da produção. A partir da experiência de 10 anos de trabalho voluntário e da vontade de trabalhar com design para inovação social, surgiu o desejo de contribuir de forma positiva em relação a esse problema. Residente do Park Way há alguns anos, percebo que a perda desses alimentos é um problema compartilhado por muitos vizinhos.

O Park Way, local onde esse trabalho será desenvolvido, é uma das 31 regiões administrativas do Distrito Federal e tem como característica predominante terrenos com grandes dimensões. Com uma área de ocupação urbana de 5.653,35 hectares, estritamente residencial (composta em 97,8% de casas), em que cada fração possui no máximo 20.000 e no mínimo 2500 metros quadrados¹, o Park Way é o local com menor densidade demográfica do DF, tendo 3,50 habitantes por hectare, segundo dados publicados em 2017 pela Companhia de Planejamento do Distrito Federal – CODEPLAN (2017)². Resumidamente, isso significa pequenas famílias que moram em enormes terrenos.

Com áreas tão grandes, parte dos moradores opta pelo plantio de árvores frutíferas para melhor aproveitamento de espaço. Alguns possuem extensos pomares, outros, pequenos plantios, mas, independentemente disso, a maioria os tem para consumo próprio da família.

Caracterizado também por ser uma região com renda *per capita* alta, não é raro observar sistemas de irrigação nos terrenos, o que garante períodos mais longos de produção das frutas, algumas inclusive durante a estação seca do cerrado.

Essas características acabam por explicar o porquê de grande parte dos moradores do Park Way relatarem que sua produção doméstica de frutos é superior à sua capacidade de consumo, muitas vezes gerando perdas. Como forma de minimizar, mas raramente extinguir esse prejuízo, vários

¹ <http://www.parkway.df.gov.br/category/sobre-a-ra/>. Acesso em: 29/03/2019

² Texto escrito por Sérgio Ulisses Jatobá

moradores relatam também possuir uma cultura de compartilhamento desses frutos com outros familiares, amigos e colegas de trabalho.

Em contrapartida, em 2013, estimava-se que no DF haviam 437 mil pessoas em situação de insegurança alimentar. Sendo que 45 mil dessas pessoas viviam em situação de insegurança grave, 61 mil em situação de insegurança moderada e 329 mil em insegurança leve³, - (CODEPLAN, 2016). Com a crise econômica progressiva na última década, é provável que essa situação tenha se agravado.

Situação de segurança alimentar	Descrição
Segurança alimentar	A família/domicílio tem acesso regular e permanente a alimentos de qualidade, em quantidade suficiente, sem comprometer o acesso a outras necessidades essenciais.
Insegurança alimentar leve	Preocupação ou incerteza quanto ao acesso aos alimentos no futuro; qualidade inadequada dos alimentos resultante de estratégias que visam não comprometer a quantidade de Alimentos.
Insegurança alimentar moderada	Redução quantitativa de alimentos entre os adultos e/ou ruptura nos padrões de alimentação resultante da falta de alimentos entre os adultos.
Insegurança alimentar grave	Redução quantitativa de alimentos entre as crianças e/ou ruptura nos padrões de alimentação resultante da falta de alimentos entre as crianças; fome (quando alguém fica o dia inteiro sem comer por falta de dinheiro para comprar alimentos).

Tabela 1: Descrição dos graus de (in)segurança alimentar⁴

Sendo assim, uma enorme quantidade de alimentos é desperdiçada anualmente gerando prejuízos sociais, financeiros e ecológicos. Segundo Alan Bojanic, representante da Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO), no Brasil, em reportagem do Correio Braziliense⁵:

A Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO) calcula que um terço da produção de alimentos é perdido todos os anos. A emissão de gases com essa perda é igual à poluição por dióxido de carbono de todo o parque automotivo do mundo, explica o representante da FAO no Brasil, Alan Bojanic, porque o óxido nitroso e o metano, resultantes da degradação, são muito mais nocivos à camada de ozônio do que o CO₂, nas razões de 300 por 1 e 20 por 1, respectivamente. “Além do forte impacto na saúde pública,

³ Texto escrito por Lidia Cristina Silva Barbosa e Tamara Vaz de Moraes Santos, da Diretoria de Estudos e Políticas Sociais da CODEPLAN.

⁴ Brasil, Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome in: CODEPLAN. Aspectos da segurança alimentar e nutricional no distrito federal.

⁵ Reportagem escrita por Simone Kafruni.

https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/economia/2018/09/15/internas_economia,706098/video-o-impacto-da-deterioracao-de-alimentos-estragados-no-ambiente.shtml. Acesso em: 12/04/2019

com transmissão de enfermidades, o apodrecimento de alimentos tem alto custo. São consumidos recursos e energia na produção e um terço disso se perde”, diz. (CORREIO BRAZILIENSE, 2018)

Paralelamente, nos últimos anos, observa-se que a centralização política não tem produzido os efeitos esperados no desenvolvimento social e agrícola, Sepúlveda (2005) discorre a respeito e ressalta a importância da participação da comunidade para o aumento da eficiência dos recursos públicos:

Durante décadas, a América Latina e Caribe, vem lutando por diminuir os contingentes de sua população pobre, que ainda persiste no setor urbano e nas áreas rurais. Apesar disso, os resultados não foram os esperados, boa parte devido à centralização das decisões políticas (...) em todos os países apareceu, nos últimos anos, uma nova tendência que impulsiona a descentralização das funções públicas e uma maior participação das comunidades nos governos locais ou municipais. Espera-se com isso fomentar um processo de desenvolvimento que responda às demandas e que tem como base operativa a participação cidadã, com a perspectiva de que este processo aumente a eficiência no uso dos recursos públicos e garanta uma distribuição mais equitativa entre as diferentes categorias sociais(...) (SEPÚLVEDA, 2005, p.31)

Por essa razão, esse projeto tem como pilar a autonomia, a fim de funcionar a partir da participação da comunidade, visando integrá-la de forma organizada, resiliente e sustentável. Proporcionando uma “autogestão” da iniciativa, isto é, não tendo sua execução dependente do engajamento de agentes específicos ou de processos de gestão complexa, sejam eles públicos ou privados.

Entende-se que um projeto como esse possa trazer diversos benefícios para a região e para sociedade, como a diminuição da perda de alimentos, que não só contribui para o melhor aproveitamento dos recursos naturais, como também reduz a quantidade de lixo orgânico. Além disso, ajudar a criar uma cultura de colaboração entre os moradores, que pode fomentar, inclusive, novas iniciativas e um fortalecimento da identidade local e do exercício da cidadania.

Por último, a doação das frutas resulta também, em algum grau, na ação filantrópica que contribui para o desenvolvimento social da comunidade, já que é feita de forma a permitir e incentivar o acesso à população menos privilegiada e às instituições de caridade locais. População essa da própria região, algo que contribui para o avanço microrregional como um todo já que “o grau de desenvolvimento de certos espaços territoriais está diretamente vinculado, entre outros, a dois fatores: às habilidades e às destrezas dos recursos humanos, sua capacidade real de gerar excedente e de reinvestí-los na mesma localidade” (SEPÚLVEDA, 2005, p.47).

O objetivo geral do projeto, como mencionado, é a diminuição da perda de frutas na região administrativa do Park Way, por meio da criação de um serviço que conecte quem produz os insumos, no seu âmbito doméstico, com quem deseja ou precisa deles.

Entretanto, para o atingimento desse objetivo geral, alguns *objetivos específicos* orientam o trabalho:

1. Projetar um processo resiliente, focando na independência da iniciativa a título de que ela se consolide como prática da cultura local, sem que dependa da intervenção direta e integral da autora e nem da administração pública;
2. Promoção da cultura colaborativa entre moradores do Park Way, essencial para o sucesso do projeto e manutenção do serviço de forma orgânica;
3. Implementação de um projeto piloto, para que possam ser criados os canais necessários para que o serviço atinja a resiliência.

Por fim, apresento os assuntos que serão tratados em cada capítulo deste relato. No capítulo 1, chamado de “A Preparação do Solo”, serão introduzidos os conhecimentos teóricos pertinentes ao projeto, passando pelo papel do design para a resolução de problemas complexos, aprofundando na abordagem utilizada, contextualizando para quem será utilizada essa abordagem e ressaltando a importância de se tratar o problema com foco no aspecto ambiental e no microrregional.

Já no capítulo 2, chamado de “O Plantio da Ideia”, observaremos como a ideia se materializou, passando pela metodologia, pesquisas, decisões de projeto, desenvolvimento e entrega, isto é, a forma de execução do projeto piloto.

Em seguida, no capítulo 3, “A Colheita de Resultados”, será apresentado o que resultou todo o trabalho desenvolvido, explicando a forma assumida pelo desenho final do serviço, quais foram os resultados colhidos a partir do protótipo e quais são as previsões de iteração futura para o processo, bem como a conclusão a respeito do que foi feito.

1 A PREPARAÇÃO DO SOLO

Neste primeiro capítulo, é apresentado o referencial teórico utilizado para conceituar e implementar o trabalho de conclusão de curso. Como o objeto de trabalho é a redução da perda de alimentos, inicio explicando a diferença entre os termos ‘perda’ e ‘desperdício’,

A FAO distingue as definições sobre perda e desperdício de alimentos. O primeiro termo se refere à redução da disponibilidade de alimentos para consumo humano ao longo da cadeia de abastecimento alimentar, em especial nas fases de produção, pós-colheita e processamento. Segundo o órgão, a perda prevalece nos países em desenvolvimento. Já o desperdício ocorre no final da cadeia alimentar (varejo e consumo), e estaria mais associado às nações desenvolvidas. (GOVERNO DO BRASIL, 2018)⁶

Ao nos aprofundarmos no assunto, descobrimos alguns dados alarmantes que reforçam a relevância do Pomar Solidário, como o fato de que dos 268.1 milhões de toneladas de alimentos disponíveis no país em 2013, 26.3 milhões, ou quase 10%, foram perdidos.

Ademais, a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária – (EMBRAPA, 2017) aprofunda o conhecimento sobre o prejuízo de recursos naturais resultante da perda desses alimentos quando afirma que quanto mais vão para o lixo, mais precisam ser produzidos para atender a demanda. O que gera não só mais consumo de água, como também de fontes minerais que são finitas, como fósforo e potássio, essenciais para o desenvolvimento da flora. Estima-se que 50% dos resíduos urbanos gerados no Brasil sejam orgânicos, o que resulta em contaminação do solo e contribui para as mudanças climáticas⁷.

1.1 O papel do design

Dado esse panorama, resalto que esse problema será tratado a partir da visão e modo de trabalho do design, pois a complexidade do tema requer posicionamentos bastante relevantes por parte de quem os projeta.

“Por ‘complexidade’, entende-se aqui um sistema composto por muitos elementos, camadas e estruturas, cujas inter-relações condicionam e redefinem continuamente o funcionamento do todo.” Cardoso (2011, p.25). Ainda, segundo o autor, a adequação do design como instrumento para “pôr

⁶ <http://www.brasil.gov.br/noticias/cidadania-e-inclusao/2018/08/combate-ao-desperdicio-de-alimentos-e-desafio-do-brasil-e-do-mundo-nos-proximos-anos> . Acesso em: 06/05/2019

⁷ <https://www.embrapa.br/busca-de-noticias/-/noticia/28827919/os-desperdicios-por-tras-do-alimento-que-vai-para-o-lixo> . Acesso em: 06/05/2019

ordem na bagunça” do mundo industrial requer que seja dada a ênfase socrática sobre o uso e não sobre a forma (2011, p.26). O mesmo autor, ainda discorre sobre a impossibilidade de haver receitas formais capazes de tratar esse tipo de problema:

Não existem receitas formais capazes de equacionar os desafios da atualidade. Não são determinados esquemas de cores e fontes, proporções e diagramas, e muito menos encantações como “a forma segue a função”, que resolverão os imensos desafios do mundo complexo em que estamos inseridos. (...) Seria cruel, quase obsceno, propor que arejar a mancha de texto de uma página é uma boa maneira de tornar a leitura mais acessível, num país onde não se lê por opção e falta de opção. (CARDOSO, 2011, p.41)

Fica claro, portanto, o enfoque desse projeto, que apesar de ser de programação visual, vai além do design gráfico, tendo em vista a busca de solução para a perda de alimentos a partir da observação dos hábitos pessoais, sem a pretensão de que um *layout* agradável seja resoluto por si só da equação, podendo atuar como um facilitador complementar ao design de serviço que terá como foco o uso de uma interface criada como alternativa de solução.

Além disso, o autor ressalta a importância da coletividade para esse tipo de tratativa,

Não é responsabilidade dos designers salvar o mundo, (...), até porque a crescente complexidade dos problemas demanda soluções coletivas. De todo modo, ninguém sabe exatamente o que quer dizer “salvar o mundo” hoje em dia. (...) Reconhecer a complexidade do sistema já é um grande avanço. Se todos adquirirem alguma consciência do tamanho e do intrincado das relações que regem o mundo hoje, será possível caminhar coletivamente em direção a um objetivo, seja qual for. O grande inimigo é a ignorância e as ideias preconcebidas que derivam da falta de exercício do pensamento. Enquanto alguns separam vidros e latinhas para reciclar, outros despejam toneladas de esgoto no mar – isto, numa mesma cidade, quando não no mesmo bairro ou condomínio. (...) Em termos históricos, o grande trabalho do design tem sido ajustar as conexões entre coisas que antes eram desconexas. Hoje chamamos isso de projetar interfaces. (...) Onde a parte de cada um é entender sua parte no todo. (CARDOSO, 2011, p.43)

O princípio da coletividade, confirmado por Cardoso, é norteador desse projeto. Princípio esse presente também em outros conceitos a serem abordados. Ele não só é primordial para o sucesso do trabalho como também elemento essencial para sustentabilidade e resiliência do serviço após a conclusão do TCC. Sua continuidade depende única e exclusivamente da participação ativa da sociedade e do seu senso de pertencimento ao projeto.

1.2 Design Thinking e Design de Serviços

À medida que é compreendida a relevância do design para esse tipo de questão, é necessária a explicação das abordagens que norteiam o projeto. Segundo David Kelley (2016)⁸, um dos precursores do termo *design thinking*, a palavra *design*, sempre compreendeu muitos usos, desde projetos de aeronaves até a concepção de roupas pela indústria da moda, algo curioso, visto que uma atividade é extremamente analítica e exata enquanto a outra é mais artística e subjetiva. Entretanto, o que elas compartilham, como outras atividades ligadas ao termo, é a metodologia envolvida em seus processos. Segundo o professor de *Stanford d.School*⁹ e fundador da *IDEO*¹⁰, o que haveria em comum entre as múltiplas atividades de design seria a forma de pensar.

Já segundo Tim Brown¹¹, outro precursor do termo e CEO da *IDEO*,

*O design thinking é uma abordagem centrada no ser humano voltada para inovação, que surge a partir do toolkit, ou caixa de ferramentas, do designer para integrar as necessidades das pessoas, as possibilidades de tecnologia, e os requisitos necessários para o sucesso dos negócios*¹². (*IDEO*, 2019)

E essa abordagem seria feita através do método de divergir para convergir, ou seja, ampliar as opções de resolução de problemas mediante a criação de alternativas de solução para depois reduzi-las focando na mais adequada delas por meio do processo decisório.

A partir desse raciocínio é cunhado outro termo, o design de serviços, um tipo de atividade que se enquadra na metodologia do *design thinking*, consistente, segundo o Copenhagen Institute of Interaction Design (2008, apud Stickdorn e Schneider 2014, p.32) em uma

Prática interdisciplinar que combina inúmeras habilidades de design, gestão e engenharia de processos. Desde os tempos imemoriais, os serviços sempre existiram e vêm sendo organizados de diversas maneiras. Entretanto, serviços conscientemente projetados por designers, que incorporam novos modelos de negócios, são empáticos às necessidades do usuário e buscam criar um valor socioeconômico. O design de serviços é essencial para uma economia baseada no conhecimento.

⁸ Disponível em:

<https://reader.elsevier.com/reader/sd/pii/S2405872616300065?token=EAA5D07F7A18BCF61B4068306C9CCC79ADC72A0F366A0E5823D9FED1A8DF6FE824287C4DF2D038B49BAA21726DCADD1F> . Acesso em: 16/06/2019.

⁹ Escola de design da Universidade de Stanford.

¹⁰ Uma dentre as maiores empresas de design do mundo.

¹¹ Disponível em: <https://designthinking.ideo.com/> . Acesso em: 16/06/2019

¹² Em tradução livre.

Prática essa, guiada por 5 princípios (STICKDORN E SCHNEIDER, 2014, p.36):

1) Centrado no usuário

Os serviços devem ser testados através do olhar do cliente

2) Cocriativo

Todos os stakeholders devem ser incluídos no processo de design de serviços

3) Sequencial

O serviço deve ser visualizado como uma sequência de ações inter-relacionadas

4) Evidente

Serviços intangíveis devem ser visualizados como artefatos físicos

5) Holístico

Todo o ambiente do serviço deve ser levado em consideração

1.3 Design para inovação social

Entendida a abordagem utilizada, é necessário explicar para que ela será aplicada, isto é, para a inovação social. Segundo Murray, Culier-Grice e Mulgan (2006, p.8 apud Manzini 2017, p.25):

Definimos inovações sociais como novas ideias (produtos, serviços e modelos) que atendem a necessidades sociais e, ao mesmo tempo, criam novas relações ou colaboradores sociais. Em outras palavras, são inovações que são boas para a sociedade e também para ampliam sua capacidade de ação.

Manzini (2017, p.69) contextualiza ainda que no século XXI a inovação social estará para o design como a inovação técnica esteve no século XX, sendo um de seus grandes objetivos devido às mudanças econômicas e culturais da sociedade. Não se trata, porém, de uma nova disciplina, mas de um novo olhar para o mundo e para como o design pode contribuir para ele.

Este autor (2017) ainda diferencia a existência do design difuso, feito por àqueles sem formação técnica na área, mas que projetam mudanças e transformações sociais com o design especializado, quando o projeto tem o embasamento técnico de profissionais. A partir disso, pode-se dizer que o design para inovação social é a contribuição do design especializado para um processo de *codesign*, ou seja, de cocriação entre o design difuso e o especializado, voltado para a mudança social.

Na prática trata-se de uma mistura de diferentes componentes: ideias e visões originais (a partir da cultura de design), ferramentas da prática de design (a partir de diferentes disciplinas de design), e criatividade (que consiste em uma habilidade pessoal), dentro da estrutura de uma abordagem de design (derivada de experiência reflexiva anterior em design). (MANZINI, 2017, p.77)

É, portanto, um processo de cocriação, que para seu sucesso, depende diretamente da participação colaborativa da comunidade, havendo o momento em que o designer especialista sai de cena e os difusos ganham autonomia.

Pois como cita Mazini (2017, p. 82) “o design especializado é uma atividade na qual as pessoas pensam e atuam por projetos: elas quebram a continuidade dos acontecimentos e imaginam uma mudança no estado das coisas e como fazê-la acontecer.”. O autor ainda manifesta o contraponto que diferentemente do passado, à luz da revolução industrial, quando a atividade de design tinha foco em produtos e sua atuação equivalia a fazer o produto e se encerrava nele, hoje, principalmente no que é tratado como inovação social, não mais acontece assim, exige-se uma constante atualização do modo de funcionamento. Assim explica o especialista:

Essa é a razão pela qual a iniciativa de especialistas em design deve ser desenvolvida de tal forma que possa, no devido tempo, ser apropriadamente concluída. Ela deve ser capaz de alcançar um ponto no qual os parceiros diretamente envolvidos possam tornar-se autônomos e assumir as atividades de *codesign* e de coprodução que possam surgir mais tarde. (MANZINI, 2017, p.83)

Nesse sentido, o Pomar Solidário se caracteriza como protótipo de um projeto, testado e iterado e que, após o trabalho aqui entregue, será mantido pela própria participação popular, integração primordial para a sustentabilidade do projeto, uma vez que sua incubação na Universidade de Brasília termina aqui.

Dessa forma, a iniciativa por si só fomenta através do mecanismo projetado o que Manzini (2017, p.101) chama de organizações colaborativas, isto é, um “empreendimento social difuso que produz não apenas resultados específicos, mas também qualidade social” onde “cada uma das partes interessadas está direta e ativamente envolvida na obtenção do resultado que o próprio empreendimento estabelece alcançar”. Em outras palavras, ao participar do projeto, o benefício é mútuo a todas as partes, o que mantém o engajamento delas, algo evidente no nosso projeto, já que é baseado em uma dinâmica de escambo, ou seja, numa troca em que todos saem ganhando.

1.4 Desenvolvimento sustentável

Sustentabilidade consiste na capacidade de permanência de um determinado sistema, em certas condições e num determinado prazo. Aplicando esse conceito ao desenvolvimento sustentável ambiental, ele adquire uma característica complementar, a capacidade de permanência dos recursos naturais para o futuro.

Segundo Manzini (2002) o conceito de sustentabilidade ambiental perpassa 3 dimensões. A primeira é de que a manutenção da nossa sociedade depende do funcionamento a longo prazo do ecossistema, ou seja, da qualidade e da capacidade produtiva do planeta a partir da intervenção humana. A segunda, que as atividades humanas não devem interferir nos ciclos naturais e que deve ser respeitada a resiliência do planeta, isto é, sua capacidade de se regenerar, sem comprometer, portanto, recursos não renováveis dos quais dependam as próximas gerações. Por fim, o princípio da equidade deve ser respeitado, pois versa sobre o direito de cada pessoa de ter acesso à mesma disponibilidade de recursos naturais do globo terrestre. Além disso, o autor apresenta requisitos gerais a serem atendidos em projetos sustentáveis:

Basear-se fundamentalmente em recursos renováveis (garantindo ao mesmo tempo a renovação); Otimizar o emprego de recursos não renováveis (compreendidos como o ar, água e o território; Não acumular lixo que o ecossistema não seja capaz de renaturalizar (...); Agir de modo com que cada indivíduo, e cada comunidade das sociedades “ricas”, permaneça nos limites de seu espaço ambiental e, que cada indivíduo e comunidade das sociedades “pobres” possam efetivamente gozar do espaço ambiental ao qual potencialmente tem direito. (HOLMBERG, 1995 apud Manzini 2002, p.28)

Nesse sentido, esse projeto visa contribuir de forma a diminuir o acúmulo de lixo, que apesar de ter caráter renaturalizável impacta diretamente no emprego de recursos não renováveis. Com a redução de um, reduz-se, portanto, o outro. Além de aproveitar melhor os recursos renováveis que são os frutos e contribuir na equidade de acesso a esses recursos por pessoas de classes sociais diferentes. Manzini (2017) também escreve sobre *Ainonghui*, um *case* de sucesso chinês de inovação social onde moradores, interessados em ter acesso a uma alimentação orgânica, fizeram uma parceria com pequenos produtores agrícolas do interior para fornecer alimentos de mais qualidade em sua cidade. Algo que, em determinada medida, se assemelha ao Pomar Solidário.

Ele (Ainonghui) constitui um exemplo prático de um modelo econômico totalmente novo. O modelo de produção baseia-se na ideia de estabelecer vínculos diretos entre a produção e o consumo; um modelo conectado em uma escala local (...) que funciona no quadro de uma nova economia social, no qual diferentes economias coexistem e no qual “todos saem ganhando” (MANZINI, 2017, p.24)

Além disso, ele ressalta a relevância de movimentos como o *slow food* e o *zero-mile food*. Que defendem uma alimentação mais orgânica, natural e local, na qual os alimentos são produzidos nas proximidades do seu ambiente de consumo, em geral em pequena quantidade e orgânico, o que contribui para a saúde e economia de recursos envolvidos no transporte e na produção de alimentos em larga escala. Citando como exemplo as hortas comunitárias e domésticas que funcionam de forma parecida com a do Pomar Solidário e servem de base na filosofia do km zero.

1.5 A importância da ação local

O Pomar Solidário carrega em seu cerne uma característica predominantemente regional. Ele foi concebido a partir da observação do comportamento de moradores do Park Way e projetado levando em consideração a cultura colaborativa preexistente no bairro. Com moradores que já se engajavam em iniciativas como, por exemplo, o viveiro comunitário – onde são cultivadas mudas de plantas para reflorestamento – e o grupo de ativismo ambiental (voltado para resgate de animais). Sérgio Sepúlveda determina o conceito de microrregião, que se aplica diretamente ao território delimitado para compreender o projeto.

A microrregião se concebe como aquele espaço mínimo no qual é possível executar atividades de natureza diversa, como a proteção de recursos naturais estratégicos (solo, fontes de água doce e a biodiversidade existente nas florestas tropicais e outros ecossistemas) e o desenvolvimento de programas orientados a potencializar as capacidades produtivas da comunidade e de combate à pobreza, entre outros. SEPÚLVEDA (2005, p.43)

Ele cita KLIKSBURG (1998 apud Sepúlveda 2005, p.47) quando argumenta que a ação microrregional tem como força os laços de interação social, algo decisivo para “promover e consolidar o processo de participação e de democratização regional e local.” Algo que enriquece o capital social, isto é, “elementos qualitativos que compreendem tanto os valores compartilhados por grupos, práticas culturais e ‘capacidades de atuar sinergicamente, gerando redes e concertações dentro da sociedade”.

Ezio Manzini também levanta que iniciativas locais possam ser mais propícias à inovação quando define o que chama de cenário PLAC:

A inovação social e os sistemas distribuídos constituem um dos pilares principais de um cenário que está surgindo. Vou chama-lo de cenário PLAC, uma abreviação de pequeno, local, aberto e conectado. (...) Individualmente, cada adjetivo e suas implicações são facilmente compreendidos e, juntos, eles produzem uma nova visão de como uma sociedade sustentável e em rede pode tomar forma. Penso que esse cenário PLAC poderia se tornar um forte atrator social, capaz de desencadear, catalisar e orientar uma variedade de atores sociais, processos inovadores e atividades de design. (MANZINI, 2017, p.196)

Ademais, o autor explora o conceito de *placemaking*, isto é, a construção coletiva de um espaço dotado de sentido (MANZINI, 2017, p.207), ressaltando uma dinâmica muito presente na região prevista para implementação do projeto.

“isso (placemaking) significa que essas pessoas decidem iniciar e gerir uma organização colaborativa relacionada ao lugar; ao fazê-lo, elas se tornam um tipo especial de comunidade intencional: uma comunidade relacionada ao lugar e, conseqüentemente, uma comunidade de *placemaking*. Uma vez que essas são comunidades que existem por escolha,

os lugares resultantes existem por escolha também. Em suma, eles são lugares intencionais, coprojeados por comunidades intencionais. (MANZINI, 2017, p.208)

O autor afirma ainda que a integração das organizações colaborativas nos processos de *placemaking* exercem papel fundamental no fortalecimento de uma nova ideia de bem-estar. Todos esses conceitos fazem parte da teoria que embasou o projeto e, cada um deles, em alguma medida, foi aplicado e demonstrado na prática ao longo de sua execução.

2 O PLANTIO DA IDEIA

Neste capítulo é apresentado como o projeto foi desenvolvido, por meio da articulação dos conceitos e dados adquiridos na fase do referencial teórico com os procedimentos e ferramentas adotados, bem como os resultados obtidos a partir de suas aplicações.

2.1 Metodologia

A metodologia adotada para o desenvolvimento do projeto em questão foi o Double Diamond, ou Duplo Diamante. Concebido pelo Design Council, uma *enterprising charity*¹³ do Reino Unido que procura melhorar a vida das pessoas utilizando o design – ao dar suporte técnico e metodológico a negócios e serviços públicos que queiram construir soluções e ambientes melhores para a sociedade – esse modelo ilustrado visa demonstrar visualmente o que existe de comum em todo processo de design.

Dividido em quatro fases diferentes – Descoberta, Definição, Desenvolvimento e Entrega – o Duplo Diamante é um mapa visual simples do processo de design. (...) O processo criativo é complexo, sendo difícil de enxugá-lo, mas esse tipo de explicação possibilita pelo menos elucidá-lo e torná-lo menos misterioso. (DESIGN COUNCIL, 2019)¹⁴

Segundo essa abordagem, todo projeto passa por momentos de convergência e divergência, apesar de suas peculiaridades.

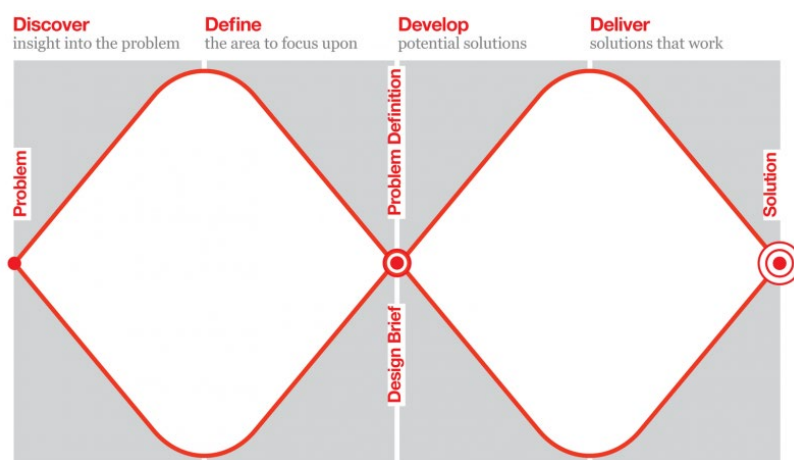


Figura 1: Duplo Diamante
Fonte: Design Council

¹³ Organização de cunho social que tem como objetivo desenvolver projetos que tragam desenvolvimento social e sustentável, tendo como característica reinvestimento de seus recursos em projetos que melhorem o mundo e a sociedade.

¹⁴ Em tradução livre.

Sendo que duas de suas fases são de divergência, onde o horizonte de informações é ampliado, a de descoberta e a de desenvolvimento, enquanto as outras duas são de definição e entrega e se caracterizam por serem fases de convergência, nas quais o horizonte é restringido a partir da tomada de decisão.

O desenho do diamante proporciona justamente essa visualização da abertura e fechamento do horizonte de projeto. A seguir é apresentado o detalhamento de cada fase:

I. Descoberta

Fase de imersão no problema percebido. Entendimento de como funciona o sistema e contexto no qual ele se insere, quais são os comportamentos envolvidos na sua manutenção. Percebe-se a sua complexidade e os desdobramentos que existem dentro de cada problema complexo.

II. Definição

A partir dos desdobramentos percebidos, define-se qual deles deve ser atacado primeiro, através de percepções, priorizações e impactos de cada um no sistema como um todo.

III. Desenvolvimento

Etapa onde as ideias para solucionar o problema definido são geradas e desenvolvidas.

IV. Entrega

Fase onde as soluções propostas são prototipadas e testadas.

É importante ressaltar que essa forma linear de compreender o processo visa torná-lo mais claro e não o limitar à essa ordem. A retroalimentação de cada etapa é algo inerente ao design *thinking*, principalmente quando se percebe, na fase de entrega, coisas que poderiam ser melhoradas. “De forma a descobrir quais ideias são melhores, o processo criativo é iterativo. Isto é, as ideias são desenvolvidas, testadas e refinadas várias vezes, com ideias fracas sendo abandonadas ao longo do processo. Esse ciclo é parte essencial para um bom design.”¹⁵ (DESIGN COUNCIL, 2019).

Entendido isso, é apresentado abaixo esquematicamente como foi a aplicação da metodologia no dado projeto. Em seguida, começamos o detalhamento de cada fase.

¹⁵ Em tradução livre.

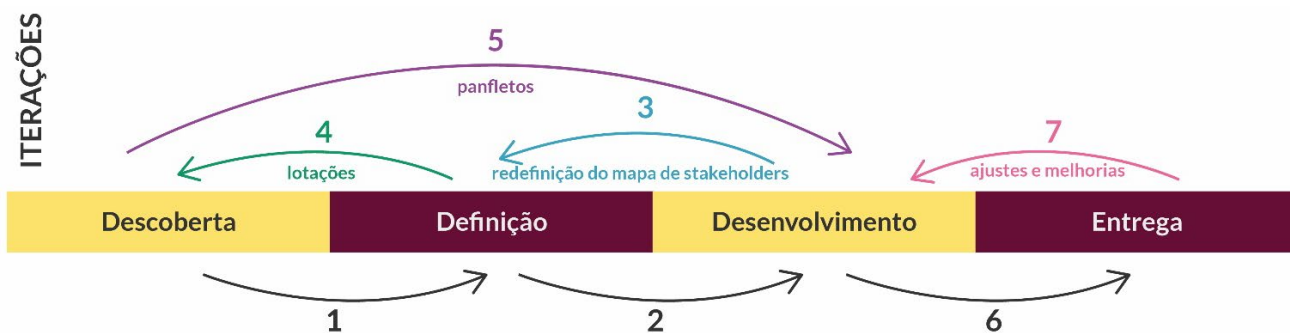


Figura 2: Esquema de iteração realizado

2.2 Etapa de descoberta

A título de imergir e explorar o problema, foram realizados:

- *Desk Research*
Pesquisa preliminar acerca do tema via internet;
- *Questionário de levantamento*
Questionário digital realizado para diagnóstico de interesses dos usuários;
- *Entrevista com iniciativa similar*
Entrevista com a equipe do aplicativo *Fruit Map*, que mapeia árvores frutíferas;
- *Mapa de Stakeholders*
Preenchimento de *canvas* para levantamento e análise de impacto de todos os possíveis envolvidos.

Desk Research

Começou-se com uma pesquisa via internet para explorar o tema abordado. Pode parecer que uma etapa como essa não devesse estar descrita, por sua simplicidade e obviedade, entretanto, ao suprimir essa etapa estaria sendo menosprezada uma parte importante do trabalho e que fez toda diferença. Afinal de contas, essa investigação inicial foi o que permitiu que vários dos dados e materiais teóricos já apresentados fossem encontrados e o que tirou dúvidas e fez com que fossem enxergadas novas possibilidades para a resolução do problema. Como define Cardoso (2011, p. 68), “Na chamada ‘era da informação’, é praticamente impossível chegar a qualquer objeto sem passar antes pelo repertório – ou seja, sem alguma noção dos discursos que moldam seu significado e uma ideia preconcebida de como será sua experiência”. O autor ressalta ainda que “O repertório formal define os parâmetros dentro dos quais é possível pensar o novo” (2011, p. 85).

Começou-se entendendo a extensão do bairro e suas subdivisões. Abaixo é possível observar as 4 sub-regiões do Park Way, que são definidas de acordo com as vias de acesso em comum entre elas.

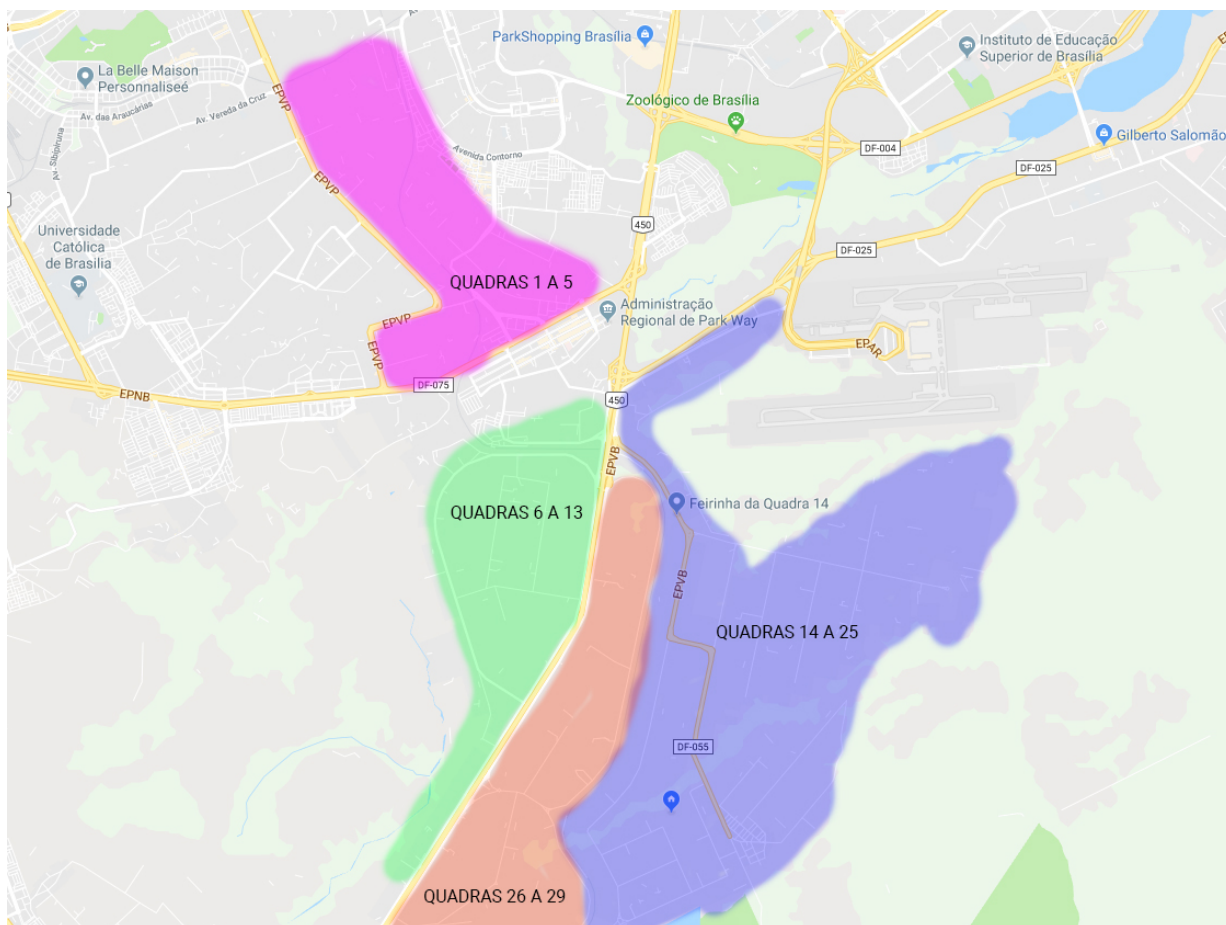


Figura 3: Sub-regiões do Park Way
Fonte: Google Maps (modificado)

Em seguida, foram levantadas possíveis instituições que pudessem receber doações das frutas sobressalentes da troca entre vizinhos. No total, foram mapeadas 5 instituições nos arredores que atendem pessoas em situação de vulnerabilidade social.

Além disso, foram pesquisados projetos que já vêm procurando formas de solucionar o problema ao redor do mundo. Como por exemplo, o *Wefood*, mercado dinamarquês que comercializa a preços mais baixos alimentos que já passaram do prazo de validade e iriam para o lixo, mas que ainda estão

em condições de consumo¹⁶. E o *Fruit Map*, aplicativo *mobile* criado por estudantes da UnB com o cunho principal de mapear árvores frutíferas em áreas públicas para consumo da população¹⁷. Bem como, iniciativas que serviram de inspiração como as Bibliotecas Populares das paradas de ônibus de Brasília – onde transeuntes e passageiros podem deixar livros para doação e empréstimos – e as Geladeiras Solidárias, já presentes em várias cidades do país e do mundo, decorrentes de iniciativas descentralizadas, que combatem não somente o desperdício de comida como a fome de moradores de rua.



Figura 4: Biblioteca popular na W3 Norte
Autoria: José CruzABr

¹⁶ https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/03/160301_mercado_lixo_dinamarca_cw . Acesso em 06/05/2019

¹⁷ <https://itunes.apple.com/br/app/fruit-map/id993252534?mt=8> . Acesso em 15/01/2019



Figura 5: Geladeira Comunitária em Auckland, Nova Zelândia
Fonte: Love Food, Hate Waste



Figura 6: Geladeira Solidária em Goiânia, Brasil
Fonte: G1 - Globo

Questionário de levantamento de dados

A partir da pesquisa inicial, algumas ideias e dúvidas começaram a surgir, foi formulado então um questionário para validar percepções e confirmar o interesse da população da região em um serviço com esse cunho. Abaixo temos as informações que a ferramenta se propunha a extrair:

- Confirmação de que o problema da perda de frutas era comum a mais moradores;
- Levantamento dos tipos de fruta cultivados;
- Confirmação da cultura de compartilhamento da comunidade;
- Compreensão sobre que tipo de serviço eles teriam interesse e o grau de esforço que estariam dispostos a realizar;
- Definição da sub-região a se iniciar;
- Levantamento sobre os públicos que os moradores gostariam de doar;
- Obter o contato de moradores interessados.

Foi utilizada a plataforma *Google Forms* para a criação dessa ferramenta¹⁸ de análise – por ser uma plataforma gratuita, completa e que facilita a visualização de dados – e circulado via *Whatsapp*.

É importante ressaltar que a escolha desse canal se deu em razão de o Park Way possuir uma característica peculiar, já que é comum no bairro a organização por grupos no referido aplicativo.

Existe um grupo da Administração do Park Way para agilizar a comunicação entre a Administração e os moradores; um grupo para cada quadra que facilita a conversa entre os diversos condomínios, além de vários grupos internos das próprias unidades condominiais.

Toda essa rede de grupos surgiu de forma orgânica e espontânea, por vontade dos próprios moradores que viram a necessidade de se comunicar com mais agilidade, sobre assuntos, por exemplo como assembleias, possíveis ameaças à segurança ou animais domésticos que escapavam de suas residências. Isso demonstra uma certa abertura dos moradores da região à inovação e colaboração.

Dessa forma, o questionário foi divulgado primeiramente no grupo do meu Condomínio, que replicou para o grupo da quadra respectiva, que repassou para o grupo da Administração, onde o questionário acabou por ser espalhado para outras quadras e, conseqüentemente, condomínios.

¹⁸ O questionário completo pode ser consultado no apêndice A

O questionário foi aplicado no dia 16 de setembro de 2018 e ficou disponível para respostas por 2 semanas, entretanto todas as 83 respostas obtidas foram enviadas nos 2 primeiros dias. A seguir, são apresentados os resultados depreendidos da ferramenta. Primeiramente foi feito um levantamento sobre qual era o percentual de participantes de cada sub-região do bairro.

Em qual região do Park Way você mora?

83 responses

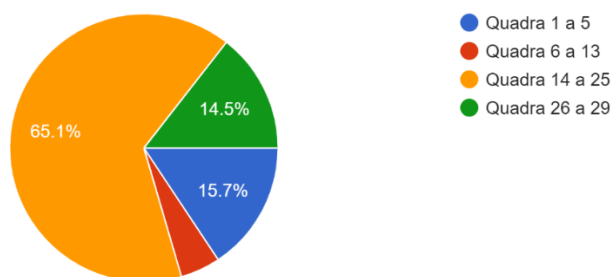


Gráfico 1: Em qual região você mora?

Em seguida, foi averiguado que 97.6% das pessoas tinham árvores frutíferas em seu terreno. Delas 46.4% relataram desperdício (soma entre verdes e amarelos); 37.5% afirmaram só não desperdiçar por terem o hábito de dividir a produção com pessoas próximas, juntando-os àqueles que mesmo doando ainda registravam desperdício (soma entre vermelhos e amarelos). Assim, concluímos que 57.1% possuem uma cultura de compartilhamento.

Você consegue consumir toda a produção dessas árvores?

- Sim, minha casa consegue consumir toda a produção
- Sim, minha casa consome uma parte e divido a outra com amigos, parentes ou vizinhos
- Não, mesmo dividindo com amigos, parentes ou vizinhos, ainda sobra muito, gerando desperdício
- Não, consumimos uma parte, mas devido à grande quantidade, muitas frutas caem e apodrecem
- Ainda não tem produção, pois são plantas jovens

81 responses

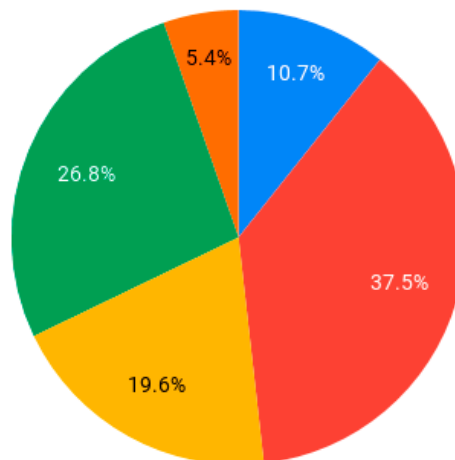


Gráfico 2: Você consegue consumir toda a produção dessas árvores?

Quando perguntado sobre os tipos de fruta que os moradores possuíam em suas residências, obteve-se 57 tipos¹⁹ e foi estimada a existência de ao menos 568 plantas²⁰. Os tipos mais presentes foram:

Fruto	Quantidade de plantas
Manga	56
Limão	51
Laranja	48
Mexerica	41
Jabuticaba	38
Acerola	35
Pitanga	32
Abacate	28
Banana	28
Amora	27
Romã	16
Caju	13
Goiaba	13
Carambola	11
Jaca	11
Maracujá	10

Tabela 2: Tipos de frutos e quantidade de plantas

Desse ponto em diante foram mantidos apenas os respondentes interessados em um serviço de compartilhamento e doação desses insumos, o que corresponde a 69 pessoas. A eles foi perguntado para que público haveria interesse de que as frutas fossem doadas. É importante explicar que essa era uma pergunta que permitia a marcação de mais de uma alternativa, bem como o acréscimo de outras opções²¹. Os números apresentados são valores absolutos.

¹⁹ As variedades do mesmo tipo de fruta foram contabilizadas juntas.

²⁰ Quando descrita por um mesmo proprietário a quantidade de árvores da mesma fruta, o dado foi levado em consideração, entretanto nem todos descreveram, nesses casos foi contabilizada apenas uma planta de cada tipo de fruta descrito.

²¹ Alternativas acrescentadas (Outros): Hospitais (2 vezes); ONGs; Lar dos velhinhos

Para quem você estaria disposto(a) a doar o excesso de produção das suas árvores?

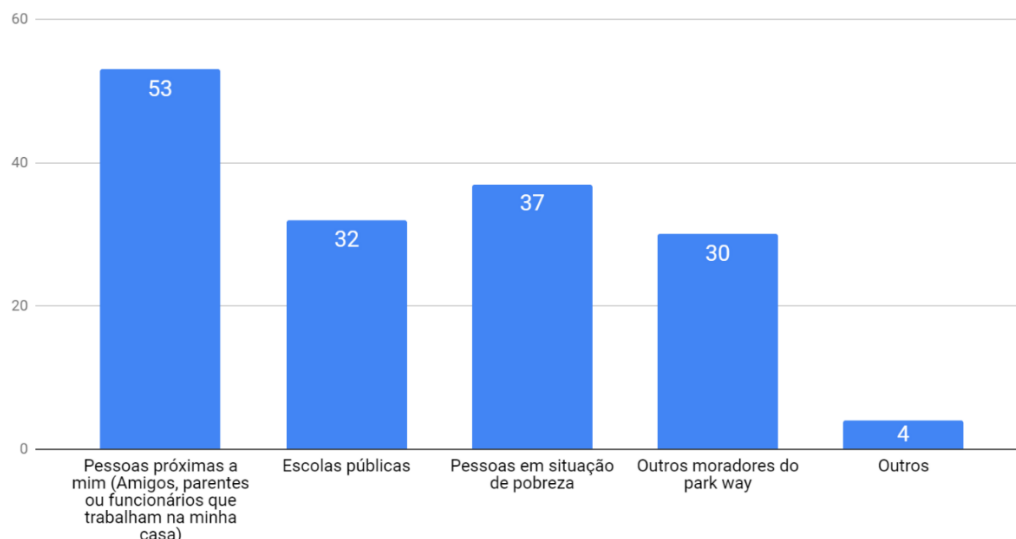


Gráfico 3: Para quem você estaria disposto(a) a doar o excesso de produção das suas árvores?

Outra parte do questionário visava trazer os moradores para o processo de codesign, consultando qual solução eles achariam mais adequada, bem como, abrindo o espaço para novas sugestões. Nessa pergunta também era possível a marcação de mais de uma alternativa e adição de outras opções. Os resultados apresentados são em valores são absolutos.

Qual seria o grau de esforço que você estaria disposto(a) a fazer para realizar essa doação?

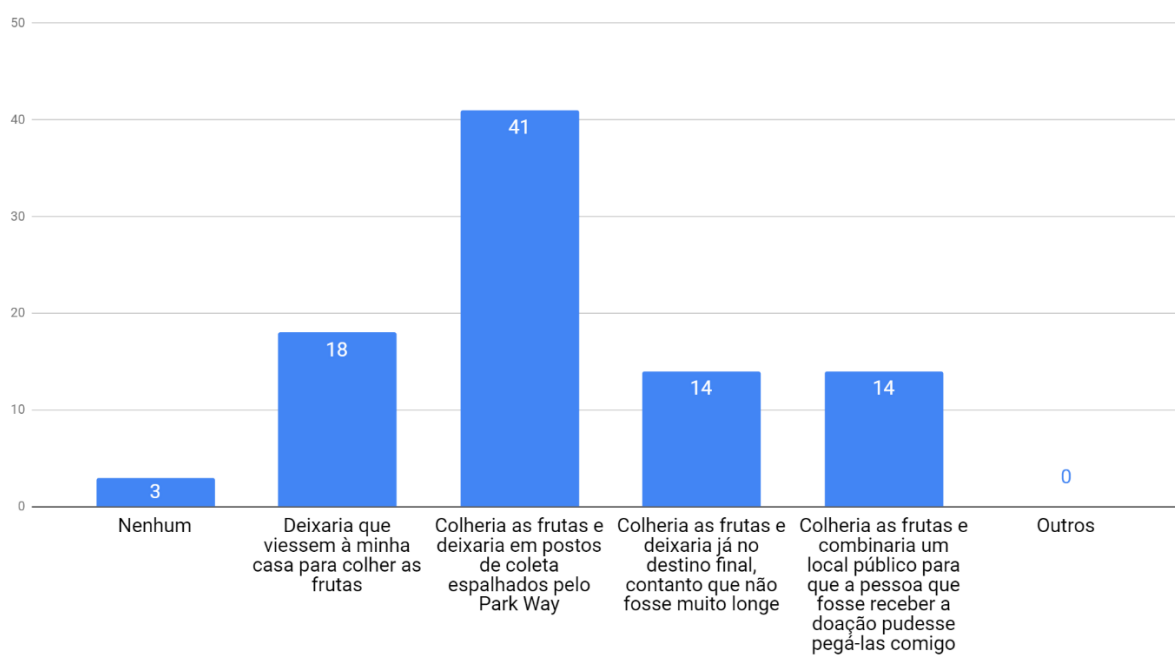


Gráfico 4: Qual seria o grau de esforço que você estaria disposto(a) a fazer para realizar essa doação?

Por fim, destaco que 46 moradores quiseram deixar seus respectivos contatos (e-mail ou número de *Whatsapp*) para continuarem sendo notificados sobre o estudo.

Entrevista com iniciativa similar

A partir da descoberta do aplicativo *mobile Fruit Map*, foi feita uma entrevista exploratória com roteiro semiestruturado, para entender quais as dificuldades que foram enfrentadas pelo *Fruit Map* e quais as oportunidades que eles viam nesse cenário. O contato com os idealizadores do aplicativo foi muito válido, pois além dos destaques trazidos a seguir, foi uma oportunidade de troca de conhecimento e estreitamento de laços com outra iniciativa que também foi realizada por alunos da UnB de forma colaborativa, que é um pilar dos dois projetos.

Na entrevista²² compareceu toda a equipe do aplicativo, composta por três membros: Adarley Grando, Vinícius Magalhães e Larissa Machado. Abaixo foram destacadas as partes que serviram de maior aprendizado. Quando perguntado sobre a receptividade das pessoas em relação a esse tipo de iniciativa e sobre o cenário de Brasília ser propício, as respostas foram positivas.

“A receptividade foi excelente, acho que no início até elas (as pessoas) acreditaram mais do que a gente. A gente achava que ia ser legal, mas não imaginava que iam gostar tanto. A gente fala que tudo do *Fruit Map* (FM) foi orgânico, tipo, a gente nunca pagou pra anunciar nem nada.” (Adarley Grando).

“Sim... outro dia teve uma história engraçada. Eu fui dar uma entrevista pra Record e na entrequadra que a gente ia gravar tinham 3 crianças brincando com o *Fruit Map*. Assim, nada combinado, elas estavam lá, tipo um *Pokémon Go*²³ saudável. Aí a repórter falou “Vinícius, eu vou ter que interromper e gravar isso, rapidinho”. Aí a avó deles falou que eles nem eram de Brasília, eram do Rio Grande do Sul, que lá eles não tinham essa variedade de frutas que tem aqui... porque em Brasília a gente consegue colher 20 frutas diferentes só nessa quadra, no meio da rua. Ela disse “Quando eu chegar em POA eu vou marcar tudo que eu vir.” (Vinícius Magalhães).

²² A transcrição da entrevista na íntegra pode ser lida no apêndice B

²³ Jogo digital que popularizou a realidade aumentada no mundo

“O que eu acho mais legal aqui de Brasília é essa oferta e essa variedade sabe? É que nem ele falou, você pode fazer uma ceia, você vai ali e pega 20 tipos de fruta de uma vez. Lá no RS você vai achar praticamente só mexerica” (Adarley Grando).

Além disso, foram apontadas as principais dificuldades enfrentadas pelo *Fruit Map*.

“A gente foi implementando algumas (atualizações), mas agora eu formei e uma coisa bem pesada do FM é que ele não dá dinheiro pra gente. A gente fez ele por causa dessa bolsa (de estudos), e ele ficou bem conhecido, mas ele funciona atualmente como portfólio mesmo e é o nosso xodozinho. (...) são 30mil downloads, não 30mil usuários engajados. O app já tem o que? Uns 3 anos eu acho, a gente precisa atualizar o app, porque ele está ficando incompatível com os softwares. A gente precisaria atualizar pra daí aumentar os usuários. (...) A principal dificuldade é monetizar, não é como se quiséssemos loucamente fazer dinheiro com ele. Mas temos dificuldade em fazer ele ser sustentável né? Cobrar diretamente das pessoas, nunca pareceu ser algo certo, porque a ideia é ser colaborativo. Porque essa seria a ideia mais óbvia né... cobrar das pessoas pra monetizar, inclusive um dos nossos concorrentes internacionais, cobra 5 dólares pra baixar e tem funções parecidas com a do FM... só que isso faz também ter menos participação dos usuários. Então a gente está focando nas parcerias com empresas ou de engajar o usuário no crowdfunding. Então a maior dificuldade é a monetização em si.” (Adarley Grando).

Mapa de Stakeholders

Como explicam Stickdorn e Schneider (2014, p. 152), o mapa de *stakeholders* é uma ferramenta de exploração que representa de forma visual os diversos envolvidos em determinado serviço, a título de analisar e mapear a atividade entre eles. A seguir, é apresentado o mapa criado para o Pomar Solidário. O *canvas* adotado é um modelo de círculos concêntricos onde quanto mais perto do centro, maior o grau de influência daquele usuário no projeto e, quanto mais distante, menor. Ressalto que o mapa nesse momento tinha como função identificar os *stakeholders* existentes e começar a elucidar o papel de cada um preliminarmente, entretanto, conforme o projeto foi amadurecendo, as posições de alguns atores foram se alterando.

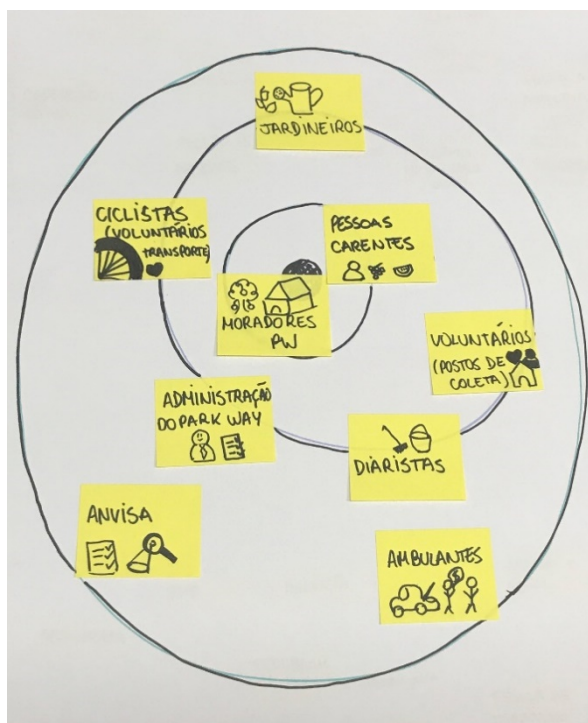


Figura 7: Mapa de stakeholders preliminar

Por exemplo, prestadores de serviços como diaristas, jardineiros e piscineiros foram se tornando mais próximos do centro e pessoas carentes, que nesse caso representavam as instituições de caridade, foram se distanciando.

2.3 Etapa de definição

A partir da imersão no tema feita na fase de descoberta, foi possível entender melhor o cenário no qual o projeto estava compreendido e prosseguir para a etapa de convergência, em que todas as informações são filtradas e avaliadas para definição do rumo que o projeto seguiria.

Foi definido que o projeto seria tocado de forma totalmente independente, à exemplo das bibliotecas comunitárias e geladeiras solidárias, sem pedido de apoio à administração pública, driblando assim, possíveis burocracias que pudessem paralisar a iniciativa.

Pelo resultado delineado no questionário, foi decidido que seriam possíveis duas destinações para os alimentos, sendo elas a troca entre os moradores e prestadores de serviço e a doação para uma instituição de caridade próxima à região. Foi definido também que o projeto piloto seria implementado na região das quadras 14 a 25, em virtude da maior participação no questionário. Além disso, foi validada a preferência dos moradores por postos de coleta, algo crucial para o caminho de desenvolvimento do projeto.

A partir da entrevista, foi notado que a possibilidade de desenvolver uma solução digital, algo que na era da tecnológica é visto sempre como uma potencial alternativa, poderia comprometer a sustentabilidade do Pomar Solidário, visto que seriam necessárias atualizações e gastos periódicos para manter o aplicativo funcionando, além de necessitar do desenvolvimento de um modelo de negócios que resolvesse a equação de como articular os esforços após o TCC com uma monetização que permitisse a continuação da dedicação ao projeto.

Optou-se, portanto, por criar um serviço presencial, a fim de torná-lo menos dependente de manutenção e conseqüentemente mais barato e sustentável, de forma que sua permanência fosse gerida e perpetuada pelo engajamento da comunidade local, como nos projetos tomados de inspiração. Não sendo necessária a formação de uma equipe ou a minha dedicação constante para gestão dos processos que nutrem o serviço. Entretanto, foi vista como possibilidade, a criação de uma página web para o esclarecimento das dúvidas mais frequentes e divulgação da iniciativa, dado que esse tipo de plataforma não necessitaria de manutenções frequentes ou de desenvolvimento de programações complexas.

No que concerne às instituições que receberiam os insumos caso houvesse acúmulo no final do dia após as trocas, foi definido que o critério de escolha se daria priorizando as que fossem mais próximas, visando manter a racionalidade do trabalho empregado para o transporte desses insumos. Percebeu-se que para manter a coerência de um projeto com preocupação ecológica, o consumo de combustível deveria ser o menor possível e definitivamente precisava ser inferior ao impacto ambiental gerado pela perda de frutas. Além disso, representaria um risco a sustentabilidade econômica do projeto, visto que o Distrito Federal possui um dos combustíveis mais caros do país, não fazendo sentido que se gastasse mais com o transporte do que se gastaria com o equivalente ao valor da doação.

Com essa perspectiva, foi definido que teríamos instituições mapeadas para o caso de, durante o teste, se perceber que haveria excesso e, conseqüente desperdício na manutenção das frutas na parada de ônibus. Todavia, o foco da dinâmica projetada não seriam as instituições. Com isso, buscava-se dar mais incentivos para que os prestadores de serviço da região participassem ativamente.

Essas pessoas ganham entre 1 e 3 salários mínimos por mês, o que demonstra que seria possível ter um aumento na sua qualidade de vida graças a uma alimentação mais saudável e mais barata. Além

disso, o projeto se viabiliza pois esses prestadores já transitam pelo ponto de compartilhamento indo e voltando de seus locais de trabalho, não causando, assim, nenhum gasto de combustível adicional.

As instituições mapeadas para o caso do teste revelar grande excedente, foram:

- Centro Educacional Vargem Bonita;
- Creche da Nelzinha

O Centro Educacional Vargem Bonita, que atende ensino fundamental I e II e Educação de Jovens e Adultos foi levantado como receptor potencial para o caso de grandes volumes de doação. Já a Creche da Nelzinha, que atende 8 crianças, foi mapeada como receptora no caso de pequenas doações. Ambos se localizam na área rural do Park Way, chamada Vargem Bonita, onde muitos dos colaboradores dos condomínios, como diaristas e jardineiros, moram.

Foi definido que, para o projeto piloto, haveria um acompanhamento mais próximo, observando-se a quantidade doada e como se comportariam essas variáveis, visando descobrir se seria necessária montar uma logística de transporte para as instituições ou se a troca ao longo do dia seria suficiente. Como alternativas de logística de transporte se cogitou associação com grupos de ciclistas que pedalam no Park Way ou inclusão da instituição nesse ciclo, verificando a possibilidade delas mesmas retirarem esses insumos. Entretanto, a definição sobre qual alternativa de transporte adotar foi adiada para após o teste, caso fosse necessária.

A partir do definido, um novo mapa de *stakeholders* foi montado:

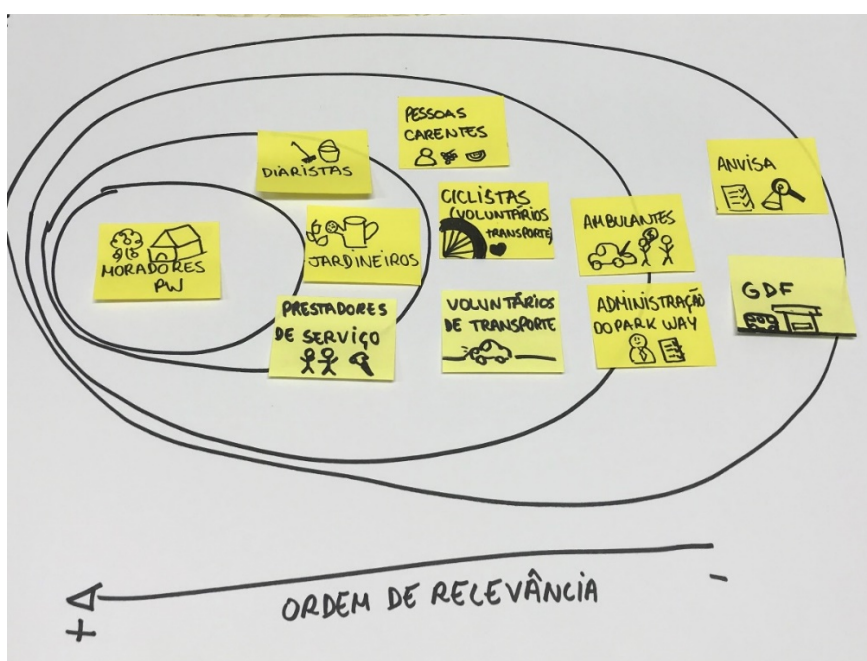


Figura 8: Mapa de Stakeholders Final

O distanciamento dos entes públicos se deu após contatos ou tentativas destes na primeira fase de divergência. A administração do Park Way foi muito acessível e apoiou a ideia, mas explicou que as paradas de ônibus eram competência do Governo do Distrito Federal (GDF). O distanciamento da Anvisa e do GDF se deu após tentativas de contato frustradas e da conclusão de que nenhuma dessas instituições teria interesse em embargar um projeto com apoio de tantos moradores e da administração, bem como pelo fato de que ambas não são tão atuantes na região.

A partir desse mapa foram criadas 4 *personas* para representar os usuários mais influentes no serviço, a partir do *canvas* (adaptado) da caixa de ferramentas de design *thinking* do TCU²⁴, desenvolvido pelo Grupo Tellus²⁵:

Design Think TOOLK PARA I

Persona

Quem eu sou?
 Servidor público, casado,
 tenho 2 filhas
 que já estão na faculdade

3 razões para eu aderir o serviço

3 razões para eu não aderir o serviço

1 Prático, perto de casa

2 Cuido do jardim no fim de semana e colho muitas frutas

3 Uma forma de conhecer meus vizinhos

1 Não como muitas frutas

2 Aos domingos tenho preguiça de cozinhar no final de semana para fazer frutas

3

Nome/idade
 Carlos, 50 anos

Citação
 Não gosto mais vejo a hora de me aposentar

Minha rotina:
 Durante a semana vou para o trabalho entre 8h30 e 9h volto para casa entre 17h e 18h. Nesses horários tem trânsito, mas não tão pesado.
 Nos fins de semana tenho hobbies caseiros, mexo no jardim, vejo filmes no meu home theater e nado na piscina

Logos: TCU, COLAB-i, Pólo Técnico, TELLUS

Figura 9: Persona 1, Carlos, morador do Park Way

Fonte: Tellus e TCU, com modificações

²⁴ Disponível em: http://tellus.org.br/tcu/pdf/template_persona.pdf. Acesso em: 01/06/2019

²⁵ Organização de inovação e design de serviços públicos

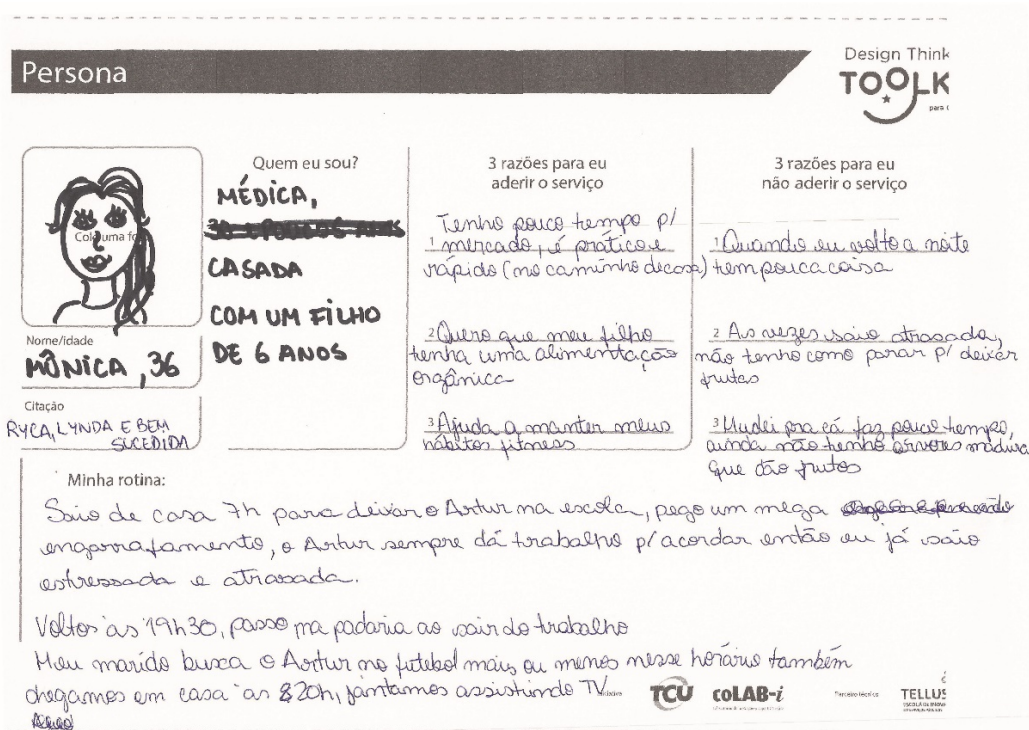


Figura 10: Persona 2, Mônica, moradora do Park Way
 Fonte: Tellus e TCU, com modificações

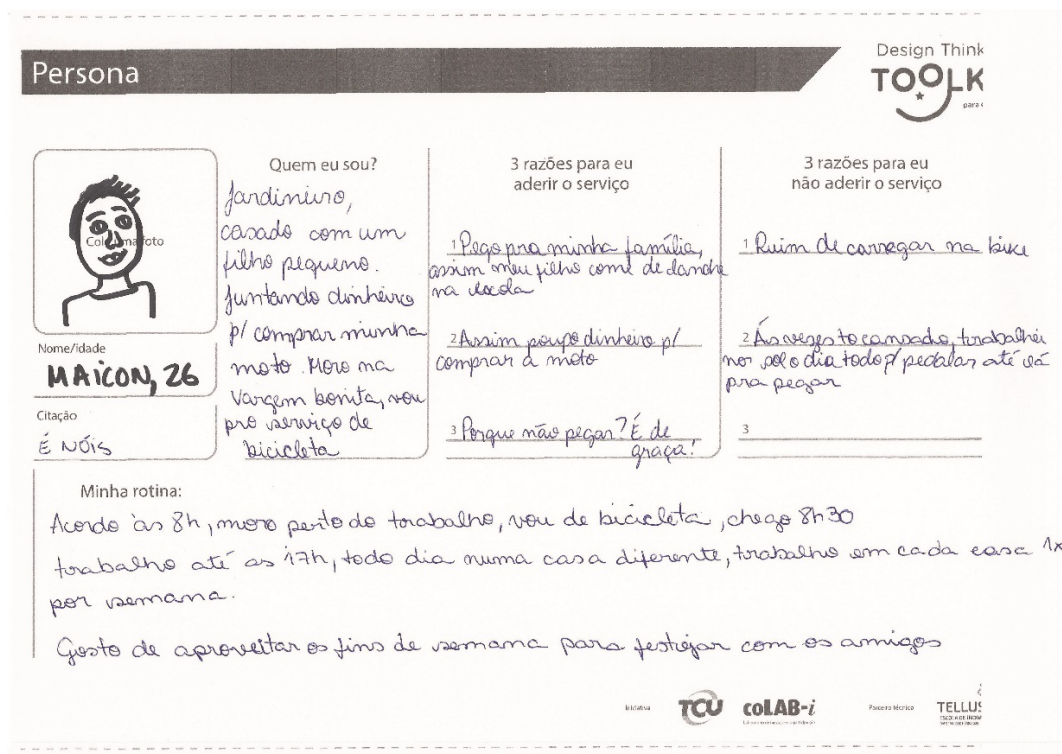


Figura 11: Persona 3, Maicon, prestador de serviço
 Fonte: Tellus e TCU, com modificações

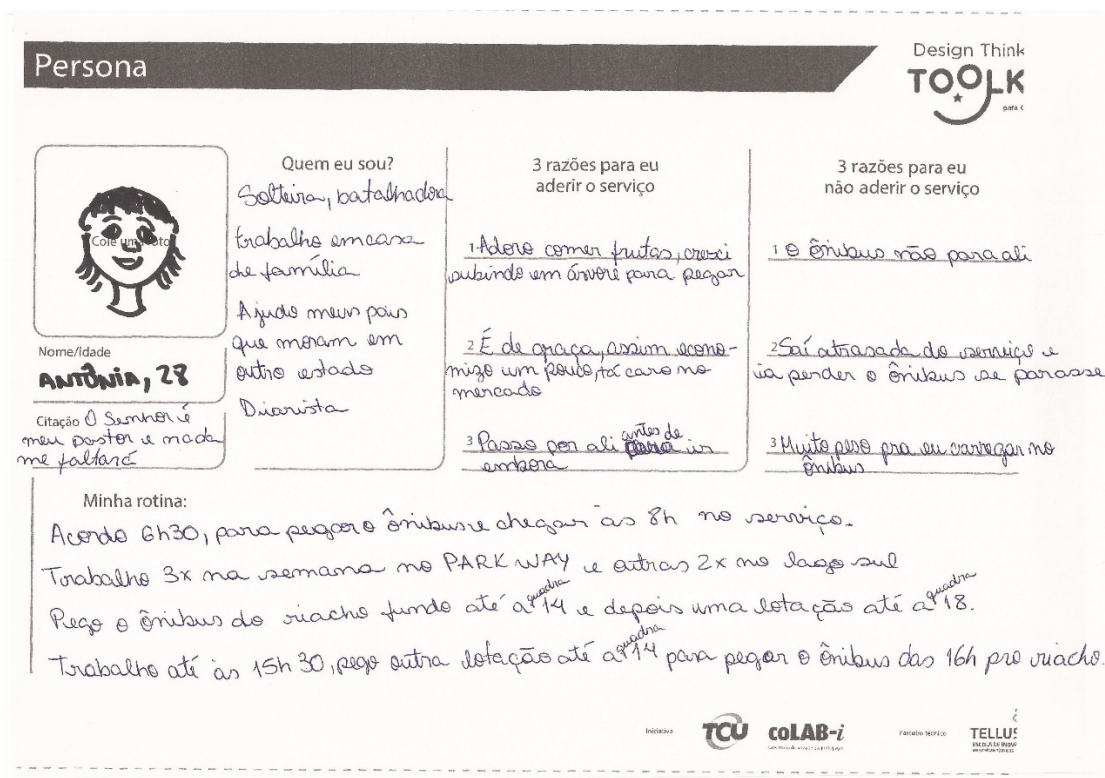


Figura 12: Persona 4, Antônia, prestadora de serviço
Fonte: Tellus e TCU, com modificações

2.4 Etapa de desenvolvimento

É relevante esclarecer que as etapas de definição e desenvolvimento caminharam sempre juntas, aqui sendo apresentadas separadas para dar mais clareza ao processo. Entretanto, várias das definições foram feitas a partir de possibilidades vistas ao longo do desenvolvimento.

A seguir será apresentada a geração de ideias com todas as alternativas concebidas e ao final o desenvolvimento conceitual da ideia escolhida. É importante salientar que em várias fases desse processo, houve participações informais de alguns moradores, de alguns designers residentes em outras regiões, de uma prestadora de serviço que trabalha no Park Way e também da observação dos hábitos e peculiaridades de alguns *stakeholders* como ambulantes de frutas, motoristas de lotação e das possíveis instituições ajudadas, visando ampliar o processo de cocriação e manter o projeto centrado no usuário. Todo o desenvolvimento foi feito levando em consideração a rotina dos usuários e o manifestado por parte deles (moradores) na pesquisa.

2.4.1 Alternativa 1 – O serviço mais completo possível

Iniciou-se fazendo um primeiro esboço daquilo que se imaginava que o serviço poderia ser.



Figura 13: Primeira alternativa de serviço

O esboço foi construído sob a perspectiva do usuário, que começaria descobrindo o serviço, colhendo suas frutas e entregando no posto de coleta. Lá haveria um voluntário para oferecer a possibilidade de cadastro no banco de dados do projeto, que seria usado para enviar fotos da doação sendo consumida nas instituições de caridade e para a retirada de benefícios que seriam outras frutas. A retirada de benefícios era uma espécie de gamificação na qual, quanto mais participativo fosse o usuário, mais frutas ele poderia retirar, foi aqui que começou-se a pensar na ideia de troca apresentada no item 2.3. Cada um poderia doar frutas e pegar outras. Entretanto, a retirada seria sempre menor do que a doação, de forma que sempre houvessem frutas sobressalentes para doação às instituições, que ainda eram o foco até esse momento. O cadastro tinha como objetivo aumentar o retorno ao morador e assim fazer com que ele se fidelizasse. Existia também a previsão de um questionário de avaliação periódico, enviado a todos os usuários cadastrados para *feedback* sobre o que poderia ser melhorado.

Havia ainda uma possibilidade de interação entre os moradores participantes e aqueles que não são doadores de frutas, onde estes poderiam comprar as frutas doadas a preços mais baixos que os praticados pelos mercados, sendo que uma parte do dinheiro proveniente das vendas iria para a instituição de caridade e a outra seria destinada para custos operacionais do Pomar Solidário.

A partir desse esboço foi escolhida a ferramenta *blueprint de serviço* para mapear os pontos de interação do usuário e entender a logística envolvida para realização de cada etapa. Como explicado no livro *Isto é Design Thinking de Serviços*, a utilização dessa ferramenta ajuda a deixar mais claro o desenrolar do serviço e a identificar possíveis falhas.

Blueprints de serviços, são uma maneira de especificar e detalhar cada aspecto individual de um serviço. Eles geralmente envolvem a criação de esquemas visuais que incorporam as perspectivas do usuário, do provedor do serviço e de qualquer outra parte relevante que pode estar envolvida, detalhando tudo, desde os pontos de contato com o usuário até os processos de retaguarda. (...) Por meio da descrição e definição de todos os elementos contidos em um serviço, o *blueprint* permite que as áreas mais cruciais do serviço sejam identificadas, além de revelar áreas de sobreposição ou duplicação. (STICKDORN E SCHNEIDER, 2014, p.206 e p.207)

Apesar de comumente o *blueprint* ser adotado como ferramenta de implementação, aqui ele foi adotado como ferramenta de criação e reflexão, em conjunto com outros designers, ajudando a organizar graficamente a ideia inicial e a partir disso serem imaginadas mais possibilidades de interação que não estivessem sendo enxergadas. Como se fosse um processo de iteração de um serviço já concebido.

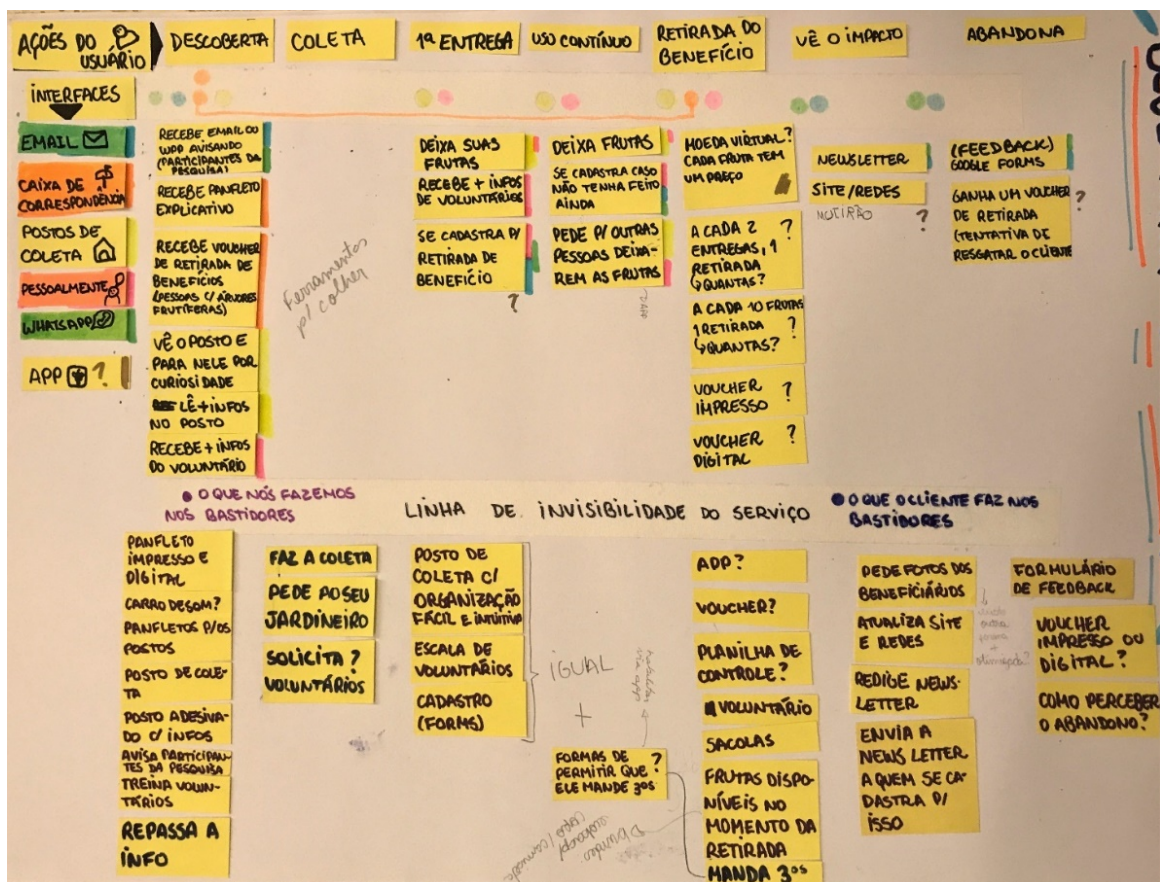


Figura 14: *Blueprint* da alternativa 1

Como se observa na figura 14, era prevista uma dinâmica muito extensa, que necessitava de muitos recursos humanos e financeiros para ser realizada. Desde o início da concepção dessa alternativa, sabia-se que sua implementação seria improvável, entretanto ela foi feita com o objetivo estimular a criatividade e gerar soluções disruptivas, levantando consigo várias possibilidades de interação, desde o fornecimento de ferramentas para colher as frutas, o uso de múltiplos canais de interação e circulação de grandes questionários de avaliação, até e fornecimento de reboques para bicicletas transportarem os alimentos e sistemas de contabilização de pontos para retirada de benefícios. Apesar de não ter sido a alternativa escolhida, algumas de suas partes foram aproveitadas na alternativa final.

2.4.2 Alternativa 2 – Geladeira comunitária

Nessa alternativa a dinâmica de interação já começava a se tornar mais simples e convergir para a alternativa escolhida. Sem reservas quanto a quantidade de frutas que seriam destinadas a cada parte, em detrimento da anterior onde apenas uma pequena parte seria disponibilizada para troca entre moradores e a maior parte seria destinada a doação para instituições.

Nesse momento, o foco era tornar a logística o mais enxuta possível para que a “autogestão” acontecesse mais facilmente, sem depender de muitos tipos de *inputs* diferentes ou de *inputs* muito específicos da comunidade.

Dada essa limitação, cogitou-se colocar uma geladeira solidária numa localização onde moradores de alguns condomínios da quadra 14 passam e todos os moradores das quadras 15 a 25, necessariamente têm que passar para saírem do Park Way, seja para trabalhar, estudar, ir ao comércio. Ressalte-se que a região é exclusivamente residencial.



Figura 15: Região definida para o projeto
Fonte: Google com modificações

No mapa está sinalizado o encontro das vias (em rosa) de saída da região delimitada para o projeto do Park Way. Como é possível observar, todas elas confluem para a mesma saída. O traço rosa mais grosso seria a parte indicada para estar o ponto de compartilhamento. Percebe-se, após essa região, o caminho se bifurca em duas saídas possíveis (em azul claro e escuro).

A partir da aplicação da análise de SWOT (do inglês: Strengths, Weakness, Opportunities, Threats) ou FOFA (do português: Forças, Oportunidades, Fraquezas e Ameaças), ferramenta popularmente utilizada para análise de cenário em planejamentos administrativos, foi decidido não levar a ideia adiante.



Figura 16: Análise de SWOT/FOFA da alternativa 2

Levou-se em conta o alto consumo de energia que uma geladeira representaria, principalmente em dias de calor a céu aberto. Sem contar a dificuldade de puxar energia para o local escolhido e pelo risco de ter um aparelho doméstico tão próximo à vegetação, além de estar sujeito às intempéries do clima durante a seca do Cerrado.

2.4.3 Alternativa 3 – A escolhida

Seguindo a lógica de funcionamento da alternativa 2, mas adaptando-a para não depender de energia elétrica e ter um custo mais baixo, surge a alternativa 3, que foi escolhida e implementada.

Nessa opção a geladeira é substituída por ganchos e uma estante ao ar livre.

Se observarmos mercados, frutarias ou bancas de hortifruti a maioria das frutas está em temperatura ambiente.



Figura 17: Exemplo de banca de hortifrutis da feirinha da 14 - Park Way

Entretanto, esses locais são sempre cobertos e tem um acompanhamento mais próximo dos frutos para que eles não permaneçam por longos períodos em temperaturas ou umidade inadequadas causando seu apodrecimento. Então, para tornar o ambiente um pouco mais propício, percebeu-se que a estante e os ganchos precisariam de um local para afixação, que os protegesse de chuvas e de sol excessivo. Além disso, notou-se que também seria importante que esse local tivesse superfícies disponíveis para afixação de materiais gráficos que explicassem e identificassem o projeto para não causar confusão ao usuário, como por exemplo se ele poderia ou não pegar as frutas ali dispostas.

Nesse sentido, é resgatada a inspiração das Bibliotecas Comunitárias descritas no item 2.2. Decidiu-se por fazer modificações em paradas de ônibus para proporcionar infraestrutura necessária para o acolhimento das doações. O ponto de ônibus se torna assim, uma das evidências do serviço.

Para a localização é seguida a mesma lógica de escolha da alternativa 2. Entretanto, nesse momento, volta-se a atenção para um local dentro da região descrita que não esteja tão próximo a alguns pequenos comércios de frutas, afim de não exercer uma concorrência direta e prejudicar ou causar resistência desses *stakeholders*.



Figura 18: Mapeamento de “concorrentes”
Fonte: Google com modificações

Foi aqui que identificou-se a necessidade de voltar ao processo de definição e reorganizar o mapa de stakeholders, pois ao utilizarmos as paradas de ônibus, tínhamos que aumentar a relevância dos prestadores de serviço que são quem mais as usam. E por conta desse novo recorte na definição, viu-se também a necessidade de voltar à descoberta para aprofundar e ampliar um pouco mais o leque de informações sobre os prestadores de serviço. Para tanto, houve uma conversa²⁶ com a diarista Lilian Oliveira, onde foram levantados alguns pontos importantes relacionados à rotina e impressões dela acerca do serviço.

²⁶ O memorial dessa conversa pode ser consultado no apêndice C.

Além da localização, essa parada de ônibus é escolhida devido alguns critérios, para tornar o serviço mais holístico. O primeiro deles, o baixo movimento, para que as frutas não disputem espaço com as pessoas que aguardam e os carros que param; também para não disputarem espaço com os ônibus, atrapalhando o embarque e desembarque de passageiros.

Apesar do baixo movimento, o diagnóstico permitiu inferir que muitos prestadores de serviço teriam acesso à iniciativa, visto que, como relatado por Lilian, o meio de transporte informal adotado pela maioria permite que os passageiros desçam naquele ponto para pegar os frutos e retornem para seguir viagem, sem nenhum transtorno.

O segundo foi o fato de ter acostamento disponível para não atrapalhar o tráfego intenso do Park Way e não oferecer risco ao motorista e passageiros. Além disso, foi levado em consideração o sentido da pista, se localiza no sentido de saída do bairro, que foi pensado levando em consideração a rotina dos usuários. Para que os moradores possam deixar esses frutos de manhã quando estão saindo de casa para trabalhar (estando desse lado evita-se que o usuário tenha que fazer qualquer tipo de conversão em horário de grande movimento), bem como pegar outras frutas deixadas por vizinhos na volta do trabalho ao fim do dia (período sem engarrafamentos nessa região específica, permitindo assim manobras com mais facilidade e menor risco). Possibilitando-se também aos prestadores de serviço que trafegam nesse sentido, no fim do dia (momento que, segundo a Lilian, seria provavelmente o preferido por seus colegas.

A seguir, observamos o ponto de ônibus escolhido para abrigar o projeto e a ilustração do relatado:



Figura 19: Demonstração dos critérios de escolha do ponto de compartilhamento

Localizada na quadra 14, conjunto 5, em frente ao lote 2, a parada contempla não só todo o exposto nos critérios de escolha, como representa mais um ganho colateral do projeto, a revitalização do espaço urbano.



Figura 20: Parada de ônibus antes da implementação do projeto

Uma vez definido o ponto de ônibus, tiramos todas as suas medidas para projetar a disposição e sua capacidade, incluindo a quantidade de ganchos, estante e material gráfico necessário.

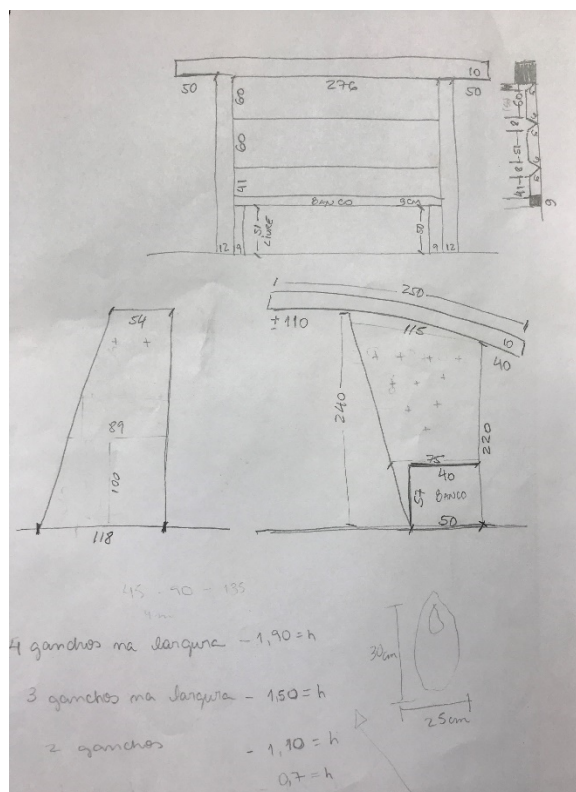


Figura 21: Desenho técnico da parada de ônibus escolhida

Naming e Identidade Visual

Para execução da ideia escolhida ficou clara a necessidade de um nome para o projeto e uma identidade visual para sinalizar a parada de ônibus, divulgar a iniciativa e instruir usuários.

O princípio norteador para a escolha do nome era uma palavra ou expressão que por si só comunicasse do que o projeto trata, sem mistérios, de forma a tornar a comunicação rápida para que moradores que passassem de carro entendessem facilmente.

Algumas alternativas pensadas foram:

- Pomar comunitário
- Pomar solidário
- Ponto da fruta
- Ação frutificar
- Clube da fruta

O nome escolhido, como já conhecemos, foi Pomar Solidário, pelo seu poder de síntese em conseguir comunicar claramente o que é a iniciativa, passando a percepção de que o projeto não só beneficia a comunidade, mas também, pessoas carentes.

Para a identidade visual²⁷, buscou-se uma estética colorida como as frutas e com estilo mais artesanal e manual como é o *hobby* da jardinagem. Além disso, primava-se por linhas orgânicas que harmonizassem com as formas da flora.



Figura 22: Logotipo criado para o Pomar Solidário

²⁷ O sistema de identidade visual completo pode ser consultado no apêndice D



Figura 23: Layout projetado para o ponto de ônibus

Instagram

Foi criada também uma página no Instagram para uma comunicação mais dinâmica do projeto, em que os usuários pudessem tirar dúvidas e participar. A rede social foi escolhida por ter a ferramenta *stories* que permite compartilhamento de conteúdo temporário; por meio dela, é possível publicações de outros usuários que registrem sua doação através da *hashtag* #pomarsolidario para que outros moradores saibam mais rapidamente quais frutas estão disponíveis.



Figura 24: Exemplos de como a ferramenta (Instagram/stories) vem sendo utilizada

A conta criada no *Instagram* foi configurada para ser aberta, permitindo assim também a visualização por usuários que não têm contas na plataforma.

2.5 Etapa de entrega

Terminada a fase de ideação, começamos a entrega palpável do projeto. Essa foi a etapa em que rodamos o projeto piloto para testar e ver o que poderia ser melhorado para o desenho final do serviço. A metodologia diz que esse momento deve acontecer o quanto antes, sem precisar ser um projeto com alto grau de refinamento, visto que algumas coisas só são diagnosticadas durante a sua execução, portanto, o quanto antes prototipamos, antes sabemos o que dá e o que não dá errado, sem o emprego de grandes esforços que se estiverem sendo focados no objeto equivocado apenas representam desperdício de recursos. A título de protótipo, a descrição detalhada é a maior riqueza dessa etapa de projeto. Pois são justamente os detalhes, que parecem pequenos, mas que podem impossibilitar o projeto se não forem diagnosticados rapidamente. Afinal, os aspectos grandes costumam ser percebidos ao longo das pesquisas. O protótipo nos mostra exatamente aquilo que a pesquisa não é capaz de extrair.

Prototipagem

Uma vez definido o *layout*, foram providenciados os materiais necessários para a reforma.

Primeiramente, compramos a tinta. Durante a criação da identidade visual e do *layout* já havia o cuidado de montar uma paleta de cores que permitisse o uso de cores prontas disponíveis no mercado, tendo em vista que elas são mais baratas do que aquelas sob encomenda.

Dado que esse é um projeto social, o custo sempre é uma variável que norteia as decisões. Queríamos fazer com o menor custo possível para que o projeto pudesse ser mais facilmente replicável. Por essa razão, conseguimos materiais de pintura emprestados e decidimos pintar por conta própria. A tinta escolhida foi a *Coral Rende Muito Amarelo Canário* que é muito próxima do amarelo escolhido para a paleta de cores auxiliares.

Em seguida, adquirimos os ganchos - 20 unidades, porcas e parafusos, escolhidos a partir da estimativa de peso que uma sacola plástica cheia suporta - no máximo 10kg. Enchemos algumas com fruta e penduramos lado a lado para medir a distância necessária entre uma e outra (estimada em 30cm). Pelas medidas das laterais do ponto de ônibus, local escolhido para afixação dos ganchos,

seria possível a instalação de 10 ganchos de cada lado. Todos na parte interna das laterais para ter mais abrigo contra o sol e a chuva.

Em seguida fomos à Feira do Guará²⁸ para tentar conseguir caixotes de madeiras para fabricar a estante. A escolha pelos caixotes se deu em razão do baixo custo e do fato de remeterem à estética das feiras, algo que ajudaria a identificar simbolicamente o projeto. Conseguimos 3 caixotes com um dos feirantes e que foram reforçados, lixados e envernizados para formar a estante.



Figura 25: Foto de um dos caixotes antes de ser adaptado

O objetivo de ter uma estante era dar suporte a quem levasse uma grande quantidade de frutas, pois sacolas ou outros invólucros com peso superior a 10kg não poderiam ser pendurados nos ganchos.



Figura 26: Eu e meu pai fabricando a estante a partir dos caixotes

²⁸ Feira muito tradicional do DF que vende uma variedade de produtos, dentre eles, frutas.

Em relação aos layouts, optou-se por seguir uma técnica parecida com o *lambe-lambe*²⁹, para mais uma vez baratear os custos e otimizar o tempo. As artes foram impressas em modo de cor CMYK e papel sulfite 90g e, apesar de ter menor durabilidade do que uma pintura, isso permitiu que a prototipagem fosse mais rápida e que não fosse necessário o pagamento de mão de obra, nem a compra de tantas cores de tinta para aplicação do *layout*. Assim, sem dúvida, alternativa mais barata, pois além disso, conseguimos que a impressão fosse feita gratuitamente.

A fim de aumentar a durabilidade do papel exposto às variações climáticas e evitar que a cola ao ser aplicada fizesse com que a tinta escorresse, já que só tínhamos acesso a impressão gratuita em jato de tinta, foi aplicado no impresso um spray impermeabilizante de uso geral.



Figura 27: Impermeabilização do papel

A partir de um empréstimo, conseguimos uma furadeira a base de bateria para fazer os furos para afixação da estante, pois o acesso à energia elétrica no local era precário. No dia 1º de junho de 2019 foi feita a primeira tentativa. Todavia, frustrada. Começamos pelos furos, para que depois não estragássemos a pintura com eles. Entretanto, uma furadeira doméstica à base de bateria não tinha força suficiente para perfurar o concreto armado da parada de ônibus.

Por essa razão, tivemos que procurar novas soluções e voltar na semana seguinte. Foram cogitadas fitas adesivas de fixação forte como alternativas, entretanto foi visto que elas não teriam uma boa

²⁹ Técnica popular de fabricação e colagem de cartazes muito utilizada para publicidade de baixo custo em locais públicos e intervenções urbanas

aderência por causa da superfície que acumulava em torno de 3 camadas de tinta anteriores e ainda seria pintada mais uma vez por nós. Dessa forma, a fita se fixaria na pintura e com a carga nos ganchos seria arrancada junto com a pintura.

A solução encontrada foi uma furadeira martetele (também emprestada), ferramenta especial para esse tipo de material. Todavia, para usá-la precisamos alugar um gerador, pois era a única forma de fornecer a potência elétrica mínima exigida pelo equipamento. Essa alternativa foi a mais viável, pois a tomada mais próxima ficava acerca de 150 m. da parada de ônibus e em propriedade privada. Foi estudada também a possibilidade de utilizar um conversor a partir da bateria do carro, de 12 volts para 220 volts (voltagem da furadeira), entretanto, esse tipo de utensílio não conseguiria fornecer a potência necessária. Com o gerador disponível, conseguimos fazer os furos, mas não todos, pois mesmo com esse aparato ainda foi difícil perfurar o resistente concreto. Conseguimos instalar a estante e 18 ganchos. A partir desse fato, foi confirmado que para uma possível replicação do projeto seria necessário encontrar outras formas mais fáceis de afixação.



Figura 28: Preparação do gerador



Figura 29: Perfuração do concreto armado

Concluídos os furos, limpamos com uma vassoura e passamos alguns panos úmidos na superfície das paredes para melhorar a aderência da tinta, pois as paredes não seriam lixadas nem emassadas. Começamos o processo da pintura e com uma lata de 3,6 l conseguimos pintar completamente a parada, com cerca de 4 demãos, buscando dar uma cobertura satisfatória em cima da tinta verde escura e das pichações. Usamos a tinta praticamente toda, concluindo que o cálculo para ela havia sido satisfatório. Estima-se que a superfície pintada tenha sido em torno de 30 m².



Figura 30: Progresso da pintura

Para melhor aproveitamento da tinta, as regiões que receberiam os impressos receberam uma demão de tinta a menos, já que elas seriam cobertas pelo papel de uma forma ou de outra. Concluída a pintura, iniciou-se a colagem dos impressos com a identidade visual, instruções do projeto e a afixação dos ganchos e da estante.



Figura 31: Colagem da sinalização

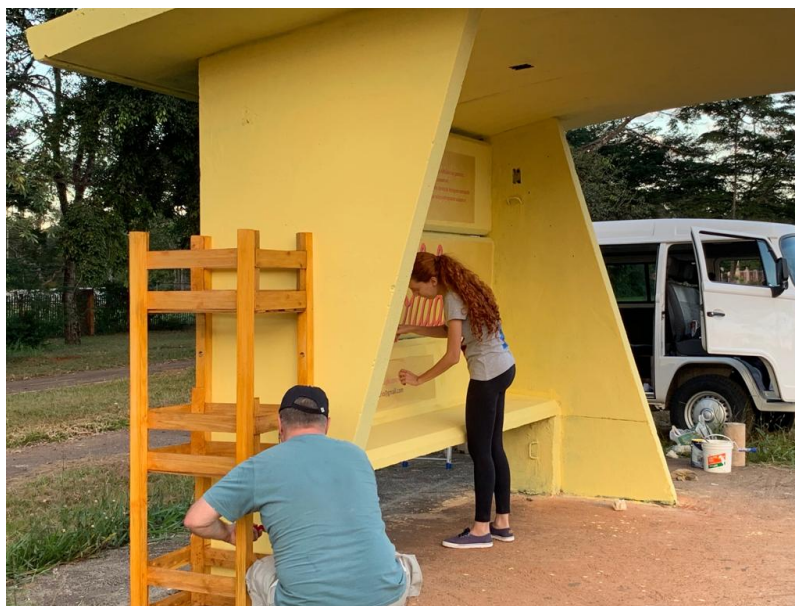


Figura 32: Fixação das estruturas

A reforma durou 5 horas, com 3 pessoas trabalhando, eu e meus pais. Ao final, o resultado foi compatível com o que se havia projetado.



Figura 33: Resultado final da reforma do ponto de ônibus

Orçamento final do projeto piloto (R\$)	
Parafusos philips rosca total 4.5 x 40 (20 unidades)	1,20
Bucha fixação S (20 unidades)	6,00
Cabide aliança simples grande cromado (gancho) (20 unidades)	90,00
Desconto	-27,20
Subtotal	70,00
Tinta Coral rende muito, amarelo canário (1 lata de 3,6L)	62,00
Gerador	70,00
Caixotes de madeira (3 unidades)	6,00
Ripas de madeira para reforço (2 unidades)	18,00
Lixas e verniz	4,00
Spray impermeabilizante Colorgin para uso geral (1 lata)	30,00
Materiais para pintura: rolo, cabo, pincéis (empréstimo)	0,00
Impressão CMYK, jato de tinta (doação)	0,00
Furadeiras: doméstica e marteleira (empréstimo)	0,00
Total	260,00

Tabela 3: Orçamento do protótipo

Teste

No dia 8 de junho de 2019 (sábado) às 18h, foi inaugurado o serviço para teste. A primeira doação foi feita por nós mesmos, doamos cerca de 3 kg de laranja cultivados organicamente em nosso terreno.



Figura 34: Primeira doação no Pomar Solidário

O objetivo dessa etapa era descobrir a quantidade média doada ao longo de um dia para verificar se ela seria tão grande a ponto de ser necessário o encaminhamento periódico para instituições de caridade ou se o próprio consumo pelos usuários seria suficiente para esgotar as doações sem causar apodrecimentos decorrentes da permanência das frutas no ponto por longos períodos. Além disso, pretendia-se observar como seria a interação dos usuários, se a quantidade de doações média se manteria ao longo da semana ou diminuiria, e se aumentaria em dias determinados.

No domingo (9/6/2019) foi colocado nas caixinhas de correio de 80 moradores residentes entre as quadras 14 e 25 um panfleto com informações sobre o projeto, distribuídos de forma aleatória, mas contemplando todas as quadras e alguns de seus condomínios. Além disso, foi encaminhado um *e-mail marketing* e uma mensagem no aplicativo *Whatsapp* com informações sobre o projeto para as pessoas que haviam deixado seu contato no questionário de levantamento.

Na segunda-feira (10/6/2019) foi enviado a versão digital do panfleto via *Whatsapp* aos motoristas de lotação, transporte informal adotado pela maioria dos prestadores de serviço. Na quarta-feira (12/6/2019) foram distribuídos panfletos na parada de ônibus da EPIA, a mais movimentada da região, de onde grande parte dos prestadores de serviço pegam a lotação para irem aos seus trabalhos.

O teste foi realizado ao longo de 14 dias e os resultados serão apresentados no próximo capítulo.

3 A COLHEITA DE RESULTADOS

Apresentação

No capítulo 3 serão apresentados os resultados do projeto. Dentre eles os dados colhidos a partir do teste; as previsões de melhoria do protótipo; o desenho do serviço refinado após as modificações feitas; o *blueprint* relativo a esse serviço e algumas sugestões de alterações que poderiam ser feitas caso fosse rodado um novo ciclo de projeto.

3.1 Resultados do teste

Resultados quantitativos

Abaixo, temos a mensuração quantitativa das evidências mais significativas do serviço: as frutas. Ao longo dos 14 dias de teste, foram recolhidas as frutas todas as noites para pesagem (com exceção dos dias (16/6 e 17/6), passando as frutas por uma triagem para averiguar possíveis apodrecimentos, retornando as que estivessem em bom estado no dia seguinte para o ponto de compartilhamento, no intuito de verificar se elas seriam consumidas. Além disso, as sacolas foram marcadas para sabermos se estavam voltando sempre as mesmas frutas. Segundo as nossas observações, o maior tempo de permanência de uma sacola de frutas no ponto de compartilhamento foi de três dias, um período aceitável visto que, as frutas dessa sacola não apodreceram nesse meio tempo.

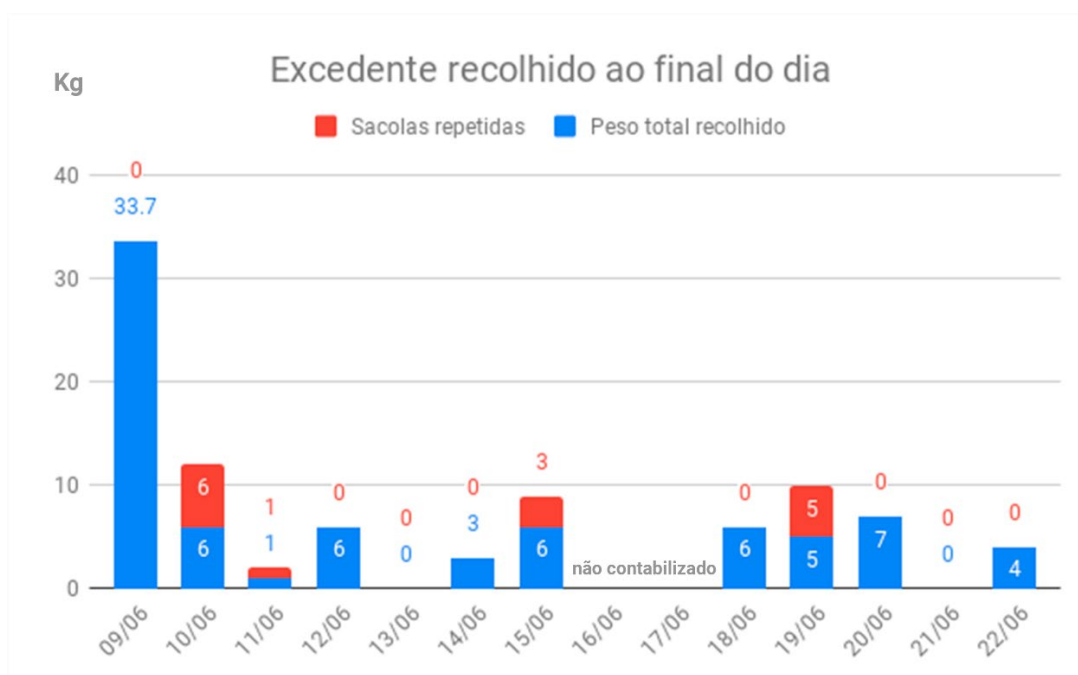


Gráfico 5: Excedente recolhido ao final do dia

Destaque para o fato de que esse gráfico não representa a quantidade de frutos doada ao longo de cada dia, visto que isso não é possível de ser mensurado, pois não conseguimos acompanhar a quantidade de frutas doadas e retiradas no mesmo dia. Isso representa apenas o excedente diário, isto é, aquilo que não foi consumido pelos usuários de um dia para o outro.

Estima-se, que ao longo desse período, tenha sido evitada a perda de ao menos 56.7 kg de hortifrutis, se somados os pesos das sacolas recolhidas ao final do dia (77.7 kg) e subtraído o peso das sacolas repetidas (15 kg), e das frutas perdidas por apodrecimento (6 kg). Foi comprovado que o consumo pelos próprios transeuntes foi suficiente para esgotar as doações, pois os 6 kg perdidos por apodrecimento não foram por longa permanência no ponto de compartilhamento.

Dessa forma, concluiu-se o desenho do serviço sem a previsão de encaminhamento para instituições. Também, chegou-se à conclusão de que logo após a inauguração houve uma doação em massa, sendo esse o maior valor ao longo dos 14 dias. Depois disso, a quantidade foi sendo estabilizada, não passando de 7 kg por dia.

A seguir, são apresentados dados adicionais em relação aos tipos de hortifrutis vistos ao longo do período de teste. Não se pode dizer que essa seja uma lista conclusiva, visto que como explicado anteriormente, o levantamento era feito ao final de cada dia, podendo assim ter havido outras variedades de frutas que foram doadas e retiradas logo em seguida. Entretanto, essa lista já dá um panorama sobre a variedade de frutos que um projeto como esse pode proporcionar à população em termos de acesso simultâneo, contribuindo para uma nutrição diversificada:

1. Limão (4 tipos diferentes)
2. Abacate
3. Batata Doce
4. Laranja
5. Tangerina
6. Uva
7. Tomate

Em relação à comunicação via *Instagram*, todo o alcance tem sido orgânico, ou seja, mediante a leitura das informações no ponto de compartilhamento e da divulgação nas redes sociais e boca-a-boca entre os próprios moradores. Até o momento existem 78 pessoas seguindo a página para obter mais informações, e apenas 4 interagiram mandando o que deixaram no ponto para podermos compartilhar.

Aprendizados

Ao final do primeiro dia, dos 33.7 kg recolhidos, 2 kg de limão china foram retirados após a triagem e não retornaram ao ponto de compartilhamento no dia seguinte por já estarem em um estado impróprio para consumo. Não se sabe se isso aconteceu porque algumas unidades não foram verificadas pelo morador doador, em razão da grande quantidade (em torno de 15 kg) ou se elas apodreceram ao longo do dia por conta da exposição ao sol, pois em razão do peso do alimento, este foi deixado na estante, localizada num espaço que pega sol ao longo de grande período do dia.

Os outros 4 kg de frutas perdidas se deu no dia 18/6, onde dos 6 kg recolhidos no fim do dia, havia 4 kg de limões (entre limões siciliano e china) que sabemos que foram entregues em bom estado, pois a moradora doadora compartilhou fotos no Instagram, mas que apodreceram devido à exposição solar ao longo do dia. Esses episódios ensejaram melhorias que serão descritas mais à frente no relatório.

Feedbacks recebidos

Ao todo foram recebidos 33 *feedbacks*, todos eles parabenizando a iniciativa. Predominaram os elogios, entretanto recebemos 3 *feedbacks* com algumas críticas construtivas, em relação ao sol incidindo sobre a estante, o que confirmou a observação feita no teste e forneceu insumos para iteração. Apenas um *feedback* de uma usuária que relatou não ter encontrado o ponto de compartilhamento. É importante frisar que todos eles vieram de forma espontânea através de moradores que pararam para falar comigo enquanto eu recolhia as frutas de um dia para o outro, dos grupos de *Whatsapp* da região e da página no Instagram.

3.2 Previsões de melhoria para o protótipo

A partir do teste, foram percebidas algumas questões que podem ser melhoradas no ponto de compartilhamento já existente.

Formas de diminuir a incidência solar na estante

A alternativa mais viável parece ser a instalação de um toldo ou estrutura que barre um pouco a incidência de raios solares, visto que o reposicionamento da estante não é cogitado por enquanto, para não danificar a pintura realizada e devido à falta de soluções encontradas para a questão da perfuração do concreto. É estudada a adaptação de um toldo a partir do reaproveitamento de lonas

de *banners* de eventos já realizados, com afixação por meio de *silver tape*³⁰ no teto do ponto de ônibus e estacas no gramado próximo.



Figura 35: Exemplo de como seria o toldo

Educação dos usuários para não deixarem as sacolas fechadas

A fim de diminuir os casos de apodrecimento de frutas enquanto medidas para amenizar a incidência do sol não são tomadas, foram complementadas as instruções no ponto de compartilhamento, alertando para a preferência pela colocação das frutas nos ganchos e para que os usuários não deixem as sacolas amarradas com nó, pois com o calor do dia, mesmo que na sombra, o plástico forma uma estufa que acelera o apodrecimento da fruta. As mesmas instruções foram publicadas no *Instagram*.

Formas de facilitar que o usuário encontre o ponto de compartilhamento

Já foi dado início ao processo de inclusão do ponto de compartilhamento no Google Maps, plataforma online de GPS³¹.

Divulgação do projeto nas instituições de caridade

Com o novo enfoque dado ao projeto e a ausência de logística periódica de encaminhamento às instituições, uma alternativa para que elas ainda assim participem é a divulgação da iniciativa ao Centro Educacional Vargem Bonita e à Creche da Nelzinha para que caso tenham interesse, encarregados desses lugares passem no ponto para pegar frutas como os outros usuários.

³⁰ Fita adesiva de forte fixação utilizada na indústria

³¹ Global Position System

3.3 Desenho final do serviço

O desenho do serviço foi concluído dentro da dinâmica de doação e retirada pela própria população transeunte, sem necessidade de encaminhamentos. Tornando-o assim mais sequencial e com capacidade de se retroalimentar. Acredita-se que a forma consolidada já traga muitos benefícios e propicie ao serviço uma simplicidade maior da logística envolvida, tornando o projeto mais resiliente.

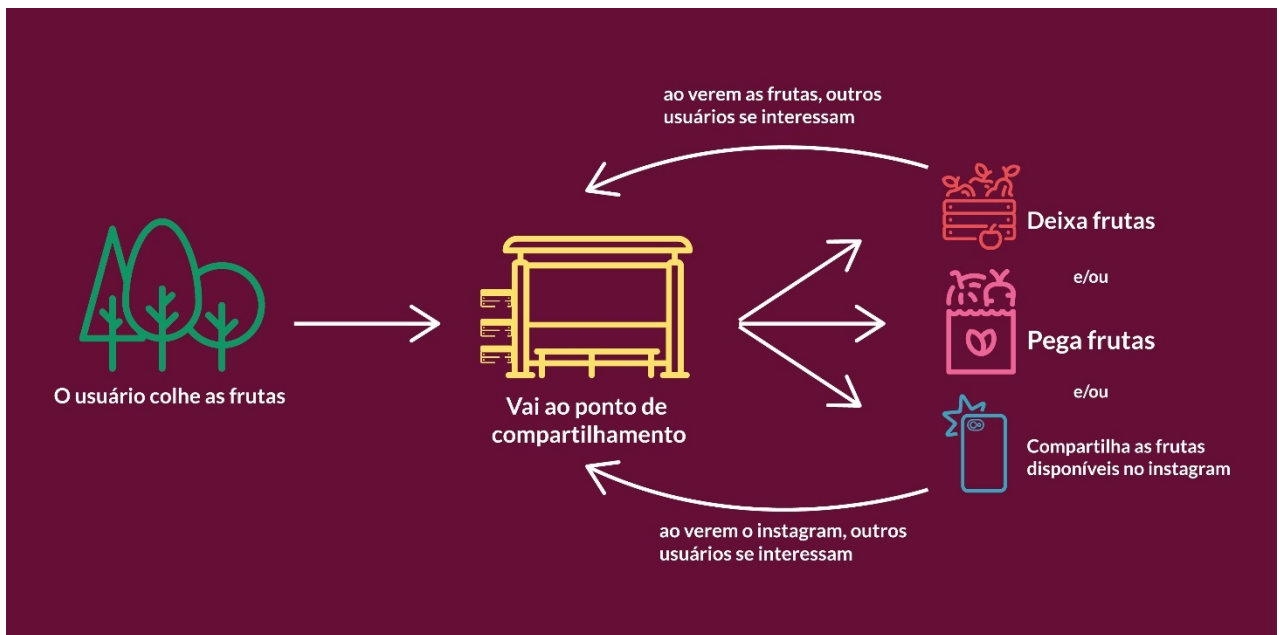


Figura 36: Desenho final do serviço

No desenho, o termo “usuário” representa tanto moradores como prestadores de serviço. Em muitas casas os prestadores de serviço é que ficam encarregados de colher as frutas e em outras os próprios moradores o fazem, não havendo, portanto, necessária distinção das interações, que estão disponíveis para todos.

3.4 *Blueprint final do serviço*

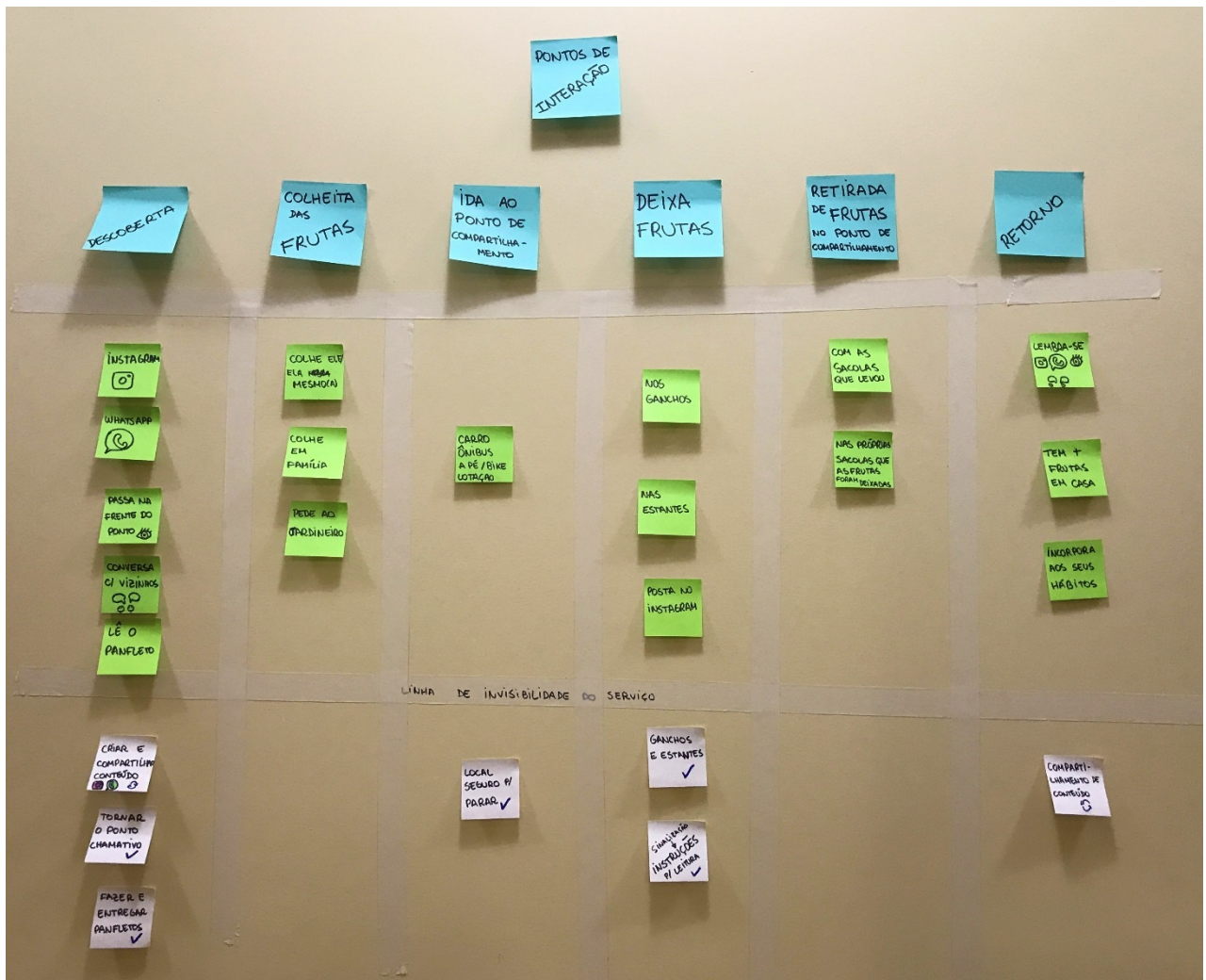


Figura 37: *Blueprint final do serviço*

Como podemos observar, a logística necessária para o serviço rodar – que corresponde às notas brancas abaixo da linha de invisibilidade – está bem enxuta, tendo sido quase toda concluída ao longo do projeto, sem necessidade de retroalimentação (notas marcadas com o símbolo de *check*). Apenas o compartilhamento de conteúdo segue como logística a ser retroalimentada, tarefa que em alguma parte é feita pelos próprios usuários ao criarem conteúdo para ser compartilhado. Quanto às interações do usuário, são dadas múltiplas opções buscando dar mais flexibilidade e possibilidade de interação dentro das possibilidades de cada um.

3.5 Previsões de melhorias para o projeto

Caso haja interesse em ampliar os projetos para outras regiões, ficam registradas algumas sugestões pensadas a partir dos aprendizados obtidos com o projeto piloto.

Busca de alternativas de afixação

Nesse âmbito, algumas alternativas foram pensadas, entretanto, todas elas dependem da superfície a ser afixada. No caso de paradas de ônibus fabricadas em vidro, como é o caso de algumas regiões do DF, sugere-se o teste com fitas de forte fixação adaptadas para variações climáticas, como é o caso da Fixa Forte Ambiente Externo, da linha Scotch, da marca 3M.

Essa mesma fita pode ser utilizada também em outras superfícies que não sejam porosas ou tenham camadas de tinta sobrepostas, visto que a fixação sobre uma grossa camada de tinta não é efetiva, pois a força aplicada sobre ela fará com que a tinta se solte da superfície e o material fixado caia.

No caso do concreto, uma possibilidade seria o tratamento prévio da superfície, que pode ser lixada para utilização de colas de forte fixação.

Caso sejam necessárias utilização de estruturas removíveis ou que não possam deixar marcas, sugere-se o teste com ímãs de neodímio, que suportam grandes cargas, para que não sejam necessárias perfurações ou utilizações de fitas e colas que deixem resquícios. Chama-se a atenção aqui para o cuidado na manipulação desses ímãs, devendo ser deixados fora do alcance de crianças, além dos cuidados na manipulação, tanto para não estragar o ímã quanto para não se machucar com a utilização.

Estudo prévio da posição solar ao longo do dia

A situação deve ser estudada caso a caso, esse estudo visa posicionar a maior quantidade de estruturas que suportam as frutas na sombra, mas quando não for possível posicionar todas na sombra como no objeto aqui apresentado, o estudo pode complementar decisões de como criar sombras para elas, de que formas posicionar telhados, por exemplo.

Estudo de outras estruturas que possam ser aproveitadas

Também se mostra pertinente o estudo de outras estruturas além das paradas de ônibus, indica-se o aproveitamento de estruturas urbanas subutilizadas que possam ser adaptadas para esse tipo de iniciativa. Flexibilizando assim localização de pontos de compartilhamento, permitindo novas formas de interação e criando também mais alternativas para resolução do problema de afixação, visto que várias regiões do DF que possuem paradas de ônibus feitas de concreto armado enfrentariam o mesmo problema. Coloca-se, portanto, essa sugestão de sempre olhar para o ecossistema da região a receber o projeto para verificar se não existem locais tão bons quanto ou até melhores que pontos de ônibus, e que não possuem as dificuldades encontradas.

CONCLUSÃO

Conclui-se que o projeto foi um sucesso, pois atingiu os todos os seus objetivos (geral e específicos), tendo boa aceitação da comunidade, ampla participação e boa visibilidade³². O próximo passo sugerido seria a ampliação do projeto para outros bairros do Distrito Federal em que se percebe uma dinâmica e uma receptividades parecidas à do Park Way, como Lago Norte, Lago Sul, outras partes do Park Way e Jardim Botânico, ou até mesmo para outras cidades do Brasil e do mundo que tenham interesse nesse tipo de interação social. A melhor forma de se fazer isso, imagina-se ser a criação de um *site* para a iniciativa, onde se poderia disponibilizar todo o método adotado de forma aberta.

Esse projeto foi uma grande oportunidade de aprendizado, além de concluir a graduação com algo significativo e relevante para mim. A insegurança inicial sobre se conseguiria tirar um projeto do papel e se ele funcionaria, dá lugar agora à confiança na teoria e no método, à realização pessoal de ter projetado algo que funciona de forma simples, barata e desburocratizada, que impacta a sociedade de forma positiva e que permanece além desse Trabalho de Conclusão de Curso, sendo uma entrega que ultrapassa o ambiente acadêmico e retribui em alguma escala à sociedade aquilo que ela investiu na minha educação.

³² O clipping das reportagens feitas sobre o projeto até o momento pode ser visto no Apêndice E

REFERÊNCIAS

ADMINISTRAÇÃO REGIONAL DO PARK WAY. **Sobre a RA**. Disponível em <<http://www.parkway.df.gov.br/category/sobre-a-ra/>> Acesso em 29 de mar. 2019.

BBC. **Contra desperdício, Dinamarca inaugura supermercado que só vende comida ‘vencida’**. Disponível em <https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/03/160301_mercado_lixo_dinamarca_cw> Acesso em 06 de mai. 2019.

BROWN, Tim. **Design thinking defined**. Disponível em <<https://designthinking.ideo.com/>> Acesso em: 16 de jun. 2019

CARDOSO, Rafael. **Design para um mundo complexo**. 1. ed. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

CODEPLAN. **Aspectos da segurança alimentar e nutricional no Distrito Federal**. Texto para discussão. Brasília, ISSN 2446-7502, número 14, maio, 2016.

_____. **Densidades urbanas nas regiões administrativas do Distrito Federal**. Texto para discussão. Brasília, ISSN 2446-7502, número 22, fevereiro, 2017.

CORREIO BRAZILIENSE. **Desperdício de alimentos traz prejuízos também ao meio ambiente**. Disponível em <https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/economia/2018/09/15/internas_economia,706098/video-o-impacto-da-deterioracao-de-alimentos-estragados-no-ambiente.shtml> Acesso em: 12 de abr. 2019.

DESIGN COUNCIL. **What we do**. Disponível em <<https://www.designcouncil.org.uk/what-we-do>> Acesso em: 05 de mai. 2019.

_____. **Designers across disciplines share strikingly similar approaches to the creative process, which we’ve mapped out as ‘the Double Diamond’**. Disponível em

<<https://www.designcouncil.org.uk/news-opinion/design-process-what-double-diamond>

<http://www.brasil.gov.br/noticias/cidadania-e-inclusao/2018/08/combate-ao-desperdicio-de-alimentos-e-desafio-do-brasil-e-do-mundo-nos-proximos-anos>> Acesso em: 05 de mai. 2019.

EMBRAPA. **Os desperdícios por trás do alimento que vai para o lixo.** Disponível em <<https://www.embrapa.br/busca-de-noticias/-/noticia/28827919/os-desperdicios-por-tras-do-alimento-que-vai-para-o-lixo>> Acesso em 06 de mai. 2019.

G1. **Geladeira em calçada oferece comida de graça para necessitados, em GO.** Disponível em <<http://g1.globo.com/goias/noticia/2015/09/geladeira-em-calçada-oferece-comida-de-graca-para-necessitados-em-go.html>> Acesso em 04 de mai. 2019.

GOOGLE. **Google Forms.** Disponível em <<https://www.google.com/forms/about/>> Acesso em 06 de mai. 2019.

_____. **Google Maps** Disponível em < <https://www.google.com.br/maps>> Acesso em 06 de mai. 2019.

GOVERNO DO BRASIL. **Combate ao desperdício de alimentos é desafio do Brasil e do mundo nos próximos anos.** Disponível em <<http://www.brasil.gov.br/noticias/cidadania-e-inclusao/2018/08/combate-ao-desperdicio-de-alimentos-e-desafio-do-brasil-e-do-mundo-nos-proximos-anos>> Acesso em: 06 de mai. 2019

GRANDO, Adarley. **Fruit Map.** Disponível em <<https://itunes.apple.com/br/app/fruit-map/id993252534?mt=8>> Acesso em 06 de mai. 2019.

GRUPO TELLUS. **Design Thinking Toolkit para Governo.** Disponível em <<http://tellus.org.br/tcu/>> Acesso em 01 de mai. 2019

JCGONTIJO. **Bibliotecas populares e ao ar livre tomam conta de Brasília.** Disponível em <http://www.jcgontijo.com.br/1997/Documentos/BibliotecasPopularesEAoArLivreTomamContaDeBrasilia_254128/> Acesso em 06 de mai. 2019.

KELLEY, David. **From Design to Design Thinking at Stanford and IDEO**. Disponível em <<https://reader.elsevier.com/reader/sd/pii/S2405872616300065?token=EAA5D07F7A18BCF61B4068306C9CCC79ADC72A0F366A0E5823D9FED1A8DF6FE824287C4DF2D038B49BAA21726DCADD1F>> Acesso em: 16 de jun. 2019.

LOVE FOOD HATE WASTE. **What's happened to the Community Fridge?** Disponível em <<https://lovefoodhatewaste.co.nz/whats-happened-to-the-community-fridge/>> Acesso em 04 de mai. 2019.

MANZINI, Ezio. **Design: Quando todos fazem design**. Tradução de Luzia Araújo. 1. ed. São Leopoldo: Unisinos, 2017.

MANZINI, E; VEZZOLI, C. **O Desenvolvimento de Produtos Sustentáveis**. Tradução de Astrid de Carvalho. 1. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2002.

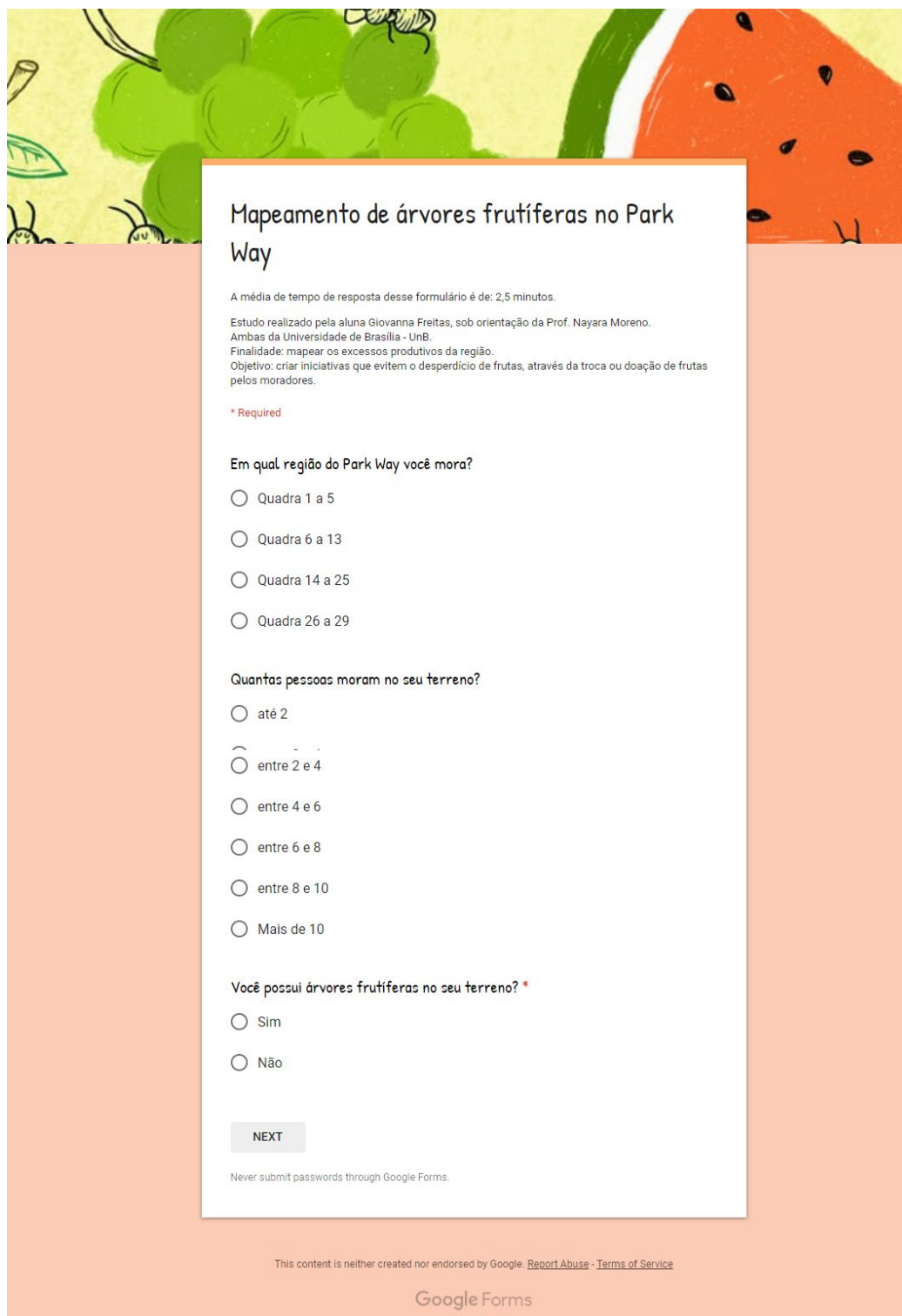
SEPÚLVEDA, Sergio. **Desenvolvimento Sustentável Microrregional**. Tradução de Dalton Guimarães. 1. ed. Brasília: IICA, 2005.

STICKDORN, M.; SCHNEIDER J. **Isto é design thinking de serviços**. Tradução de Mariana Bandarra. 1. ed. Porto Alegre: Bookman, 2014.

WHATSAPP. **Whatsapp**. Disponível em <<https://www.whatsapp.com/>> Acesso em 06 de mai. 2019

APÊNDICE A

Questionário de levantamento de dados



Mapeamento de árvores frutíferas no Park Way

A média de tempo de resposta desse formulário é de: 2,5 minutos.

Estudo realizado pela aluna Giovanna Freitas, sob orientação da Prof. Nayara Moreno. Ambas da Universidade de Brasília - UnB.
Finalidade: mapear os excessos produtivos da região.
Objetivo: criar iniciativas que evitem o desperdício de frutas, através da troca ou doação de frutas pelos moradores.

* Required

Em qual região do Park Way você mora?

- Quadra 1 a 5
- Quadra 6 a 13
- Quadra 14 a 25
- Quadra 26 a 29

Quantas pessoas moram no seu terreno?

- até 2
- entre 2 e 4
- entre 4 e 6
- entre 6 e 8
- entre 8 e 10
- Mais de 10

Você possui árvores frutíferas no seu terreno? *

- Sim
- Não

NEXT

Never submit passwords through Google Forms.

This content is neither created nor endorsed by Google. [Report Abuse](#) - [Terms of Service](#)

Google Forms

Na última pergunta dessa sessão, no caso de se responder 'não', o questionário era encerrado.

Mapeamento de árvores frutíferas no Park Way

* Required

Entendendo melhor a produção do seu terreno

Quantas árvores frutíferas você possui em seu terreno? *

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10 ou mais

Quais frutas essas árvores produzem? *

Your answer

Você consegue consumir toda a produção dessas árvores? *

Sim, minha casa consegue consumir toda a produção

Não, consumimos uma parte, mas devido à grande quantidade, muitas frutas caem e apodrecem

Sim, minha casa consome uma parte e divido a outra com amigos, parentes ou vizinhos

Não, mesmo dividindo com amigos, parentes ou vizinhos, ainda sobra muito, gerando desperdício

Other: _____

BACK NEXT

Never submit passwords through Google Forms.

This content is neither created nor endorsed by Google. [Report Abuse](#) - [Terms of Service](#)

Google Forms

Na última pergunta dessa sessão, no caso de se responder 'Sim', minha casa consegue consumir toda a produção, o questionário era encerrado.



Mapeamento de árvores frutíferas no Park Way

* Required

Alternativas para evitar o desperdício

Para quem você estaria disposto(a) a doar o excesso de produção das suas árvores? *

- Ninguém
- Amigos e/ou parentes
- Escolas públicas
- Pessoas em situação de pobreza
- Outros moradores do park way
- Other: _____

Qual seria o grau de esforço que você estaria disposto(a) a fazer para realizar essa doação? *

- Nenhum
- Deixaria que viessem à minha casa para colher as frutas
- Colheria as frutas e deixaria em postos de coleta espalhados pelo Park Way
- Colheria as frutas e deixaria já no destino final, contanto que não fosse muito longe
- Colheria as frutas e combinaria um local público para que a pessoa que fosse receber a doação pudesse pegá-las comigo
- Other: _____


BACK

NEXT

Never submit passwords through Google Forms.

This content is neither created nor endorsed by Google. [Report Abuse](#) - [Terms of Service](#)

Google Forms



Mapeamento de árvores frutíferas no Park Way

Você gostaria de continuar contribuindo para esse estudo?

Prometemos não divulgar seu email ou número de whatsapp para ninguém. Sua participação seria responder mais alguns questionários no futuro, esclarecer mais algumas dúvidas das pesquisadoras e receber o resultado final da pesquisa.

Caso sua resposta seja sim, deixe seu email ou número de whatsapp abaixo:

Your answer

Never submit passwords through Google Forms.

This content is neither created nor endorsed by Google. [Report Abuse](#) - [Terms of Service](#)

Google Forms

APÊNDICE B

Transcrição da entrevista com o *Fruit Map*

Entrevistados:

A: Adarley Grando

V: Vinícius Magalhães

L: Larissa machado

Data: 6/11/18

Entrevistadora:

G: Giovanna Viana Mundstock Freitas

Local: Brasília, UnB

Horário: 13h 30min.

G: Primeiramente, deixa eu me apresentar. Me chamo Giovanna, sou estudante de Design da UnB e estou desenvolvendo um projeto no Park Way. Lá tem muitas árvores frutíferas, que dão muitos frutos que acabam sendo desperdiçados.

Eu trabalho com Design de Serviços, que é uma abordagem do design de não pensar nas coisas como produtos, mas como um serviço que tem vários pontos de contato e interações possíveis com os usuários... E o meu TCC é criar um serviço de pontos de coleta pra que essas pessoas possam deixar esse frutos e pegar outros, e paralelamente a isso alguns irem pra doação também pra crianças carentes principalmente... Durante as minhas pesquisas eu achei o projeto de vocês e queria fazer uma entrevista, pra aprender um pouco com o percurso de vocês, o que deu certo e errado. Tipo um *benchmarking*.

G: Vocês foram/são estudantes de que?

A: Sou formado em engenharia da computação, pela UnB.

V: Estudo marketing, mas estudei ciências ambientais aqui na UnB.

L: Estudo ciências ambientais aqui na UnB.

G: Como surgiu o aplicativo e como vocês começaram a executá-lo?

A: Então, eu ganhei um edital de uma bolsa pra desenvolver um aplicativo. Aí nesse meio tempo eu conheci o Vinícius e a gente precisava de ideias pra fazer o aplicativo da bolsa de estudos. E aí o Vinícius deu a ideia do *Fruit Map (FM)*. Eu não sei como você teve a ideia, você teve um insight?

V: Então, eu já tinha pensado em algo do tipo, já existem plataformas fora do Brasil que fazem isso, nos Estados Unidos tem o *Falling Fruit*, na Alemanha também tem uma que eu não lembro o nome. E eles já tem umas árvores mapeadas, mas num site, aí as pessoas podem entrar e marcar onde tem árvore. Mas a plataforma não era traduzida e você entrava no Brasil e não tinha 100 árvores marcadas. Aí você entrava em outros lugares e tinham 50 mil árvores, tipo 50 mil nos EUA e 50 mil na Alemanha. Aí eu pensava “caramba, mas aqui no Brasil tem muito mais que 100 né”. Aí eu sugeri essa ideia, fiz essa pesquisa né... que não tinha nenhuma plataforma atuante aqui e sugeri da gente fazer. Aí no início a gente não sabia muito bem as funcionalidades que ele teria... A gente tem atualização pra mais de um ano, que a gente já pensou há muito tempo atrás, e que até agora a gente não implementou.

A: A gente foi implementando algumas, mas agora eu formei e uma coisa bem pesada do *Fruit Map* é que ele não dá dinheiro pra gente. A gente fez ele por causa dessa bolsa, e ele ficou bem conhecido, mas ele funciona atualmente como portfólio mesmo e é o nosso xodozinho.

V: Não é só um portfólio porque ele tem 30 mil usuários.

A: É, ele tem 30 mil usuários, o que eu quero dizer é que ele não gera um retorno financeiro então acaba que funciona como portfólio mesmo. E assim, eu mantenho ele do meu bolso para ele estar nas lojas.

G: Como está sendo a continuidade? Ainda estão engajados no projeto? As pessoas pararam de usar?

V: É, ele é o nosso xodó... a gente já recebeu mais de 50 e-mails internacionais de pessoas falando “Oi, moro na França, moro em tal lugar... acho o *app* muito legal! Tive essa ideia passeando com meu cachorro e aí eu vi que vocês existem, vocês poderiam traduzir e acrescentar outras coisas também, como nozes por exemplo” ... um cara da França falou isso... e aí a gente teve também numa semana aí 250 downloads na Alemanha... A gente estava de boa e do nada: 250 downloads. E de forma pequena, bem pequenininha, a gente está presente em 22 países.

A: Mas então, a gente tem várias ideias pro FM inclusive um rolê de troca de doação...

V: Na verdade, doação e venda, a gente quer fazer uma feira em que as pessoas elas escolhem o que querem fazer, se elas dão valor pro produto ou se elas dão livremente.

A: Porque a gente foi só adicionando funções... a função inicial do aplicativo foi: você marca árvores diferentes frutíferas e vê as árvores que as outras pessoas marcaram. Aí depois veio a demanda “ah, só gostaria de uma sazonalidade, pra eu saber quais frutas estão dando”. Aí a gente colocou a sazonalidade colaborativa, porque a gente tenta sempre mostrar se fruta que tá lá está dando ou não.

E a gente tem essa vontade de fazer o pessoal se engajar mais... a gente colocou um sistema de pontuação ano passado. Quando eu estava na UnB eu fiz uma matéria... esqueci o nome, mas acho que era Interface e o novo computador, não era o nome da matéria? Era uma matéria da Ciência da Computação, nela a gente formulou as telas dessa feira. A gente está inclusive agora a beira de lançar um *crowdfunding*... porque está ficando corrida a vida, naquela época a gente tinha a bolsa, mas agora a gente não tem mais.

G: Como manter o projeto fora do ambiente de Universidade? O que vocês têm feito?

V: Hoje em dia eu trabalho pra uma empresa terceirizada da Google, eu trabalho meio que com marketing, quando uma pessoa paga um anúncio pra Google eu sou a pessoa que analisa.

A: E alimenta uma Inteligência Artificial cabulosa, que daqui a pouco vai dispensar a análise... Já eu estou desempregado.

V: Desempregado não, a gente tem uma empresa.

A: Sim, sim, verdade... mas agora eu vou fazer um intercâmbio profissional pro Canadá também.

G: Uma curiosidade... vocês falaram que a grana é um problema e o Vinícius trabalha com isso... Porque vocês não colocaram anúncios dentro do *Fruit Map* para rentabilizar?

A: A gente colocou na verdade, mas eu tinha na cabeça que ia ser difícil colocar uma conta daqui no Brasil. Aí a gente estava tentando colocar em dólar, eu tinha uma conta nos Estados Unidos porque fiz Ciência sem Fronteiras... Colocando aqui no Brasil tem várias coisas que perde, e já é um dinheirinho tão pequeno né?

Quando a gente colocou, retornou uns 100 dólares ou menos pra gente, ao longo de 6 meses. Mas a gente precisa engajar mais os usuários para eles passarem mais tempo no *app*, pra isso fazer sentido. Já foi uma coisa maior no passado, mas agora as pessoas passam pouco tempo no *app*. A gente estava até com uma ideia de começar a fazer propaganda pra negócios que tenham a ver com o FM, que mexam com frutas e coisas do gênero. Acho que a nossa estratégia agora vai ser primeiro trabalhar com o *crowdfunding* e depois também trabalhar com a história da propaganda fechando direto com as empresas. Mas pra isso a gente precisa de usuários engajados.

V: E assim 30 mil é muita gente, mas acho que pra gente começar a negociar com empresas a gente precisaria de coisa de 1 milhão de usuários...

A: E ainda tem que são 30 mil downloads, não 30 mil usuários engajados. O *app* já tem o que? Uns 3 anos eu acho, a gente precisa atualizar o *app*, porque ele está ficando incompatível com os softwares. A gente precisaria atualizar pra daí aumentar os usuários.

V: Diariamente a gente vê pelo *Analytics* que tem cerca de 500 pessoas usando o *app*, mas a gente já teve o triplo.

A: Sim, principalmente no início do *app*. Mas atualmente caiu, porque a gente não tem tido tempo de se dedicar a esse trabalho porque a gente precisa trabalhar e se sustentar.

V: A ideia do *crowdfunding* é justamente capitalizar o FM, poder trabalhar com empreendedorismo social e ambiental.

A: Explica pra ela o *crowdfunding*!

V: Então com esse *crowdfunding* a gente quer atualizar o *app*, e em contrapartida plantar uma árvore frutífera pra cada pessoa que contribuir.

G: Nossa, isso é muito legal!

A: É porque as pessoas gostam de recompensa né? E Acho que uma recompensa assim (plantar árvores para os contribuintes) tem tudo a ver com o FM.

V: Sim, aí no *app* também apareceria a árvore da pessoa, a gente já marcaria pra ela com o nome dela... e a gente também daria um certificado digital com as informações da árvore dela.

A: Esse *crowdfunding* vai sair do papel, a gente já está finalizando.

G: Então pessoal, acho importante eu explicar algumas coisas do meu projeto também. O meu projeto tem um foco mais analógico, das pessoas levarem as frutas até um posto de coleta e tudo mais, de ser mais regional e tal... mas existe uma possibilidade de virar um *app* pra interligar todas essas funções, para que as pessoas vejam onde tem postos de coleta, pra elas terem um feed onde as instituições podem postar fotos das doações que receberam... ainda não tenho certeza se vai ter um *app* de fato, ou não, o objetivo da entrevista era até entender um pouco melhor se seria algo propício. Eu também penso em fazer um *crowdfunding*, porque o projeto vai ter custos pra construir os postos de coleta e coisa e tal. Então lembrei de citar isso agora, porque tem algumas ideias parecidas. Pra vocês não acharem que eu vim fazer uma entrevista e copiei as ideias de vocês..., mas podem ficar tranquilos que essa recompensa de vocês eu não tinha pensado, é genial! Mas óbvio que eu não vou copiar.

A: Não, está tudo bem! Acho que quanto mais nos engajarmos nessa área melhor, acho que é uma coisa que tem muito a explorar aqui no Brasil. É que nem você falou tem muita, muita árvore frutífera aqui...

G: Sim, o meu projeto é mais analógico como eu disse, o digital é uma possibilidade, mas eu tenho me inclinado mais a não seguir por esse caminho. Prosseguindo... **Eu notei que o *app* de vocês é um pouco mais voltado pra árvores em locais públicos, correto?**

V: Sim, mas a gente deixa que as pessoas marquem árvores em áreas privadas, tem uma opção pra isso. Mas a maioria é em área pública.

G: É no meu caso eu estou focando mais nas pessoas que tem árvores dentro do seu terreno, porque eu não consegui pensar numa forma de engajar as pessoas a colherem frutos de fora pra isso. As pessoas acabam colhendo os frutos das suas casas porque além delas observarem melhor o desperdício, se elas não fizerem nada dá sujeira, então elas têm que limpar de qualquer forma e se elas puderem fazer algo com isso ainda melhor. Já que não conseguem consumir toda a produção. Outra diferença dos nossos projetos é que o meu tem um foco muito local, apesar de eu pensar que isso pode ser escalado pra outras regiões. O que eu quero dizer é que eu tenho tentado deixar tudo perto, quem doa e quem recebe bem perto. Porque assim que doa vê o impacto da própria doação perto de si, desenvolvendo a própria região e se engaja mais. Mas prosseguindo...

G: Como foi a receptividade das pessoas? Como é o cenário de Brasília para uma iniciativa como essa?

A: A receptividade foi excelente, acho que no início até elas acreditaram mais do que a gente. A gente achava que ia ser legal, mas não imaginava que iam gostar tanto. A gente fala que tudo do FM foi orgânico, tipo, a gente nunca pagou pra anunciar nem nada.

As pessoas simplesmente gostam da ideia, vão lá e usam. A gente tem umas 10 mil árvores em Brasília, tem mais em São Paulo. A gente marcou umas no início pra testar o *app*, mas lá em SP por exemplo a gente nem conhece o pessoal de lá, e lá tem mais do que aqui, tem umas 15 mil.

Então isso é uma coisa que inspira a gente, na verdade isso segura a gente no projeto, porque a gente vê que as pessoas realmente usam e precisam dele. Outro dia uma menina que é frutívora, é esse o nome? Disse que o *app* mudou a vida dela e ela recomenda pra todo mundo.

V: Sim... outro dia teve uma história engraçada. Eu fui dar uma entrevista pra Record e na entrequadra que a gente ia gravar tinham 3 crianças brincando com o *Fruit Map*. Assim, nada

combinado, elas estavam lá, tipo um *Pokémon Go* saudável. Aí a repórter falou “Vinicius, eu vou ter que interromper e gravar isso, rapidinho”. Aí a avó deles falou que eles nem eram de Brasília, eram do Rio Grande do Sul, que lá eles não tinham essa variedade de frutas que tem aqui... porque em Brasília a gente consegue colher 20 frutas diferentes só nessa quadra, no meio da rua. Disse “Quando eu chegar em Porto Alegre eu vou marcar tudo que eu vir.”

A: O que eu acho mais legal aqui de Brasília é essa oferta e essa variedade sabe? É que nem ele falou, você pode fazer uma ceia, você vai ali e pega 20 tipos de fruta de uma vez. Lá no RS você vai achar praticamente só mexerica.

V: A gente tem várias histórias, porque a gente tem usuários muito engajados. Tem um cara, por exemplo, que mandou mensagem pra gente nas redes sociais falando: olha eu marquei todas as árvores do sudoeste e do cruzeiro. Teve um outro que falou que era estagiário do Parque da Cidade e que mapeou todas as árvores do Parque. Na hora eu nem acreditei..., mas aí eu fui olhar no *app* e dá pra ver que tem até um certo padrão, fez até um desenho conforme ele ia andando. No Parque da cidade tem pelo menos 1000 árvores que ele marcou.

G: Vocês são uma equipe de quantas pessoas

A: Atualmente nós somos só nós 3, mas já tivemos mais 1 programador. E estamos fazendo parcerias, por exemplo a Lari (Larissa Machado) faz parte da Empresa Júnior (EJ) e Centro de Atividades de Ciências Ambientais.

L: É, eu faço parte da EJ, que entra nessa parte de fazer a logística dos plantios e ajudar com o mutirão.

G: Ah sim! Eu conheço a EJ de ambientais, é ela que faz compensação por créditos de carbono né? Eu tinha considerado isso como uma ideia de recompensa do *crowdfunding*.

L: Sim, a gente faz também, mas nesse caso não tem nada a ver. No caso deles é mais o plantio mesmo.

A: A gente até tinha pensado em começar a vender os créditos pra empresas anunciantes e tal... ideias... plantar árvores frutíferas em nome de empresas, ao invés delas terem que pagar isso pro governo, além de fazerem um marketing muito bom...

G: Quais foram as principais dificuldades encontradas?

A: A principal dificuldade é monetizar, não é como se quiséssemos loucamente fazer dinheiro com ele. Mas temos dificuldade em fazer ele ser sustentável né? Cobrar diretamente das pessoas, nunca pareceu ser algo certo, porque a ideia é ser colaborativo. Porque essa seria a ideia mais óbvia né... cobrar das pessoas pra monetizar, inclusive um dos nossos concorrentes internacionais, cobra 5 dólares pra baixar e tem funções parecidas com a do FM... só que isso faz também ter menos participação dos usuários. Então a gente está focando nas parcerias com empresas ou de engajar o usuário no *crowdfunding*. Então a maior dificuldade é a monetização em si.

G: E vocês tiveram alguma dificuldade com os usuários?

V: Assim, a gente tem uma dificuldade que é o que eles mais reclamam... é o login limitado a quem tem *Facebook*. As pessoas relatam que indicaram para a família inteira e ninguém baixou porque não tinha *Facebook*.

A: Pois é, no início o FM nem precisava de login, mas a gente adicionou porque as pessoas também poderiam adicionar coisas aleatoriamente, sem responsabilidade. A gente realmente precisa ampliar isso, ter formas alternativas como com o e-mail por exemplo.

G: Sobre a sazonalidade... Atualmente aparece no *app* todas as frutas marcadas né? Não só as que estão na época?

A: Exato, todas que são marcadas. Mas assim, se você chega perto, dá zoom, aparece as que são dando com o pin verde. No *Android* fica verde, no *iphone* ainda não aparece ainda, precisamos programar. A gente precisa aprimorar também os filtros.

L: Acho que uma dificuldade também é o fato de as pessoas identificarem de fato as plantas, eu estava conversando com um colega que usa o *app*, e ele estava falando que as pessoas confundem

muito as frutas e que nem sempre as pessoas marcam no local exato. As vezes fica com uma precisão pior, tipo 5 metros de distância.

A: É, a gente não permite precisões muito ruins. Se fica uma distância muito grande a gente manda um recadinho pedindo pra pessoa melhorar a precisão. Mas as vezes dá uns errinhos assim, se o sinal do GPS tiver ruim. Mas muita gente não ajusta o pin porque não se localiza bem no mapa né, tem uma noção espacial ruim. E saber também a fruta certa, ainda mais se a árvore não estiver dando fruta na época, a gente mesmo as vezes confunde. A gente queria universalizar esse reconhecimento. Tem um mesmo que você aponta a câmera e ele reconhece a planta, isso seria genial.

G: Mas como a sazonalidade é estabelecida? Só as pessoas que acrescentam? Ou vocês têm algum estudo? Porque eu queria saber se teria como prever o que vai dar aqui no DF. Mas no geral eu encontro dados apenas nacionais.

V: Então, no início tiveram algumas frutas que eu pesquisei a fundo aí e coloquei, mas é muito generalizado pro Brasil, é o que estamos vendo aí. Mas a gente implementou a sazonalidade colaborativa há pouco, por causa disso, para as pessoas saberem o que está dando na cidade delas. Porque se a pessoa está Fortaleza ou em São Paulo, e tem um pé de manga, não vão ter mangas na mesma época. Às vezes vai dar com um mês de diferença e outras vezes com seis. Isso é uma coisa que nenhum órgão do governo te disponibiliza, essas informações regionais. A gente procurou dados oficiais do governo na época, mas não achou.

A: A sazonalidade colaborativa é um questionário que a gente libera pros usuários todo mês, então todo mês ele pode dizer o que está dando onde ele está. E aí a gente separa por estado... e no futuro a gente pode até fornecer esses dados para as pessoas saberem o que elas podem plantar que vai dar naquela época.

G: Pois é, eu consegui com um agrônomo o contato da EMBRAPA Cerrado, e imagino que talvez eles possam me dizer pelo menos aqui do DF, mas o de vocês precisa para cada estado né?

V: Sim...

L: E assim, também existem algumas variações relacionadas ao próprio solo do local, a forma como você irriga, se você irriga ela com mais frequência ela vai ter a sazonalidade antecipada. Então mesmo se você conseguir dados da sazonalidade do DF, se lá no Park Way tem irrigação nos terrenos, vai ter uma sazonalidade diferente do resto. Tanto que as frutas que são plantadas em espaço privado têm a sazonalidade diferente das de locais públicos que são regadas pela precipitação.

G: Ah sim, não sabia desse detalhe. Lá no Park Way muitas pessoas tem sistemas de irrigação automáticos. Isso influencia então?

L: Totalmente, porque no geral é de acordo com o clima local. Então como ali tem mais água, vai influenciar o tempo de produção com certeza.

G: Pois é, eu tinha essa preocupação com a sazonalidade porque a ideia inicial era fornecer os alimentos pra escola pública da região. E antever isso ajudaria os nutricionistas a montarem a dieta. Mas pelas minhas pesquisas, do manual da merenda do DF, é uma alternativa bem complicada porque tem muitas burocracias que barram.

L: É, mexer com alimentos já é complicado por si só. Seria bem foda essa ideia das escolas públicas, mas é bem complicado mesmo, eu sugiro que você tente creches ou lar de idosos, iniciativas mais independentes pra começar, aí quem sabe um dia chega nas escolas.

G: Sim, é uma boa alternativa. Bom pessoal, muito obrigada pela disponibilidade de vocês. Foi muito útil essa conversa pra mim, me confirmou várias dúvidas que eu tinha e trouxe novas perspectivas. Quem sabe um dia nossos serviços possam se interligar de alguma forma né?

A: Sim! A gente adora falar do *Fruit Map*, imagina! Com certeza, quem sabe?

APÊNDICE C

Memorial da entrevista com Lilian Oliveira

Feita no final de maio, a entrevista teve caráter informal, a partir de uma conversa acerca do assunto, buscando coletar informações e opiniões relevantes para o projeto.

Lilian é diarista na minha casa, baiana, tem 31 anos e uma filha de 5, trabalha conosco há 4 anos.

Primeiramente eu expliquei o projeto e perguntei o que ela achava. Ela disse que era uma ideia ótima e que tinha certeza que ela e muitas colegas gostariam de pegar frutas no ponto. Contou que existe uma chácara no Park Way que deixa mandiocas produzidas em sua propriedade em uma mesa em frente à entrada com uma caixinha para pagamento, sem nenhum vendedor. Que ela e suas colegas sempre compram mandiocas ali, pois são de qualidade, cultivadas na roça, sem agrotóxico e baratas. E por isso ela imaginava que da mesma forma o projeto atrairia atenção, visto que seriam produtos orgânicos e gratuitos.

Em seguida, perguntei sobre o meio de transporte. Ela explicou que a maioria dos prestadores de serviço, à exceção dos piscineiros que vêm em seus próprios carros, pois carregam muitos materiais, anda de ônibus. Eles vêm de suas residências até uma parada de ônibus na via EPIA, próxima à quadra 14 do Park Way, sendo a parada mais cheia de pessoas, onde de lá sai o ônibus circular do Park Way para trajeto entre as quadras 15 a 25.

Perguntei à Lilian se o motorista do circular no Park Way era sempre o mesmo, pois a intenção era de fazer o projeto em paradas de ônibus e, assim tentar saber dele se haveria a possibilidade de as pessoas que embarcassem em paradas anteriores descerem na do projeto para pegarem os frutos, retornando ao ônibus, mas ela esclareceu que a maioria dos prestadores de serviço não usam o circular do Park Way. Segundo ela, boa parte das pessoas anda de lotação, meio de transporte informal feito com carros de passeio, em razão do intervalo entre um ônibus e outro ser bem grande. Ela relatou ainda, conhecer a maioria dos loteiros (motoristas das lotações) e vários outros prestadores de serviço que costumam pegar a lotação com ela, e que os próprios loteiros sempre pararam para ela comprar as mandiocas, que eles são flexíveis quanto a isso e muitas vezes eles mesmos compram.

Perguntei também em que horário ela achava que as pessoas pegariam, se na ida ou volta do trabalho. Lilian relatou que imaginava que a maioria pegaria na volta, a exemplo do que ela observa com a venda das mandiocas, pois boa parte dos prestadores de serviço não se sentem confortáveis em sair do serviço com sacolas, pois infelizmente alguns empregadores ficam desconfiados.

Por fim quando perguntado se ela tinha alguma sugestão, ela deu a ideia de fazer um panfleto divulgando o projeto, se prontificando desde logo a entregá-lo na parada da EPIA, deixando com alguns loteiros para eles distribuírem para seus passageiros. Além disso, sugeriu também uma versão digital para mandar por *Whatsapp*, se prontificando também a encaminhar para colegas e loteiros. Ambas as ideias foram acatadas.

APÊNDICE D
Manual de identidade visual



Sumário

Apresentação	4
Conceitos Básicos	5
Pomar Solidário	6
Valores de Marca	7
Logotipo	8
Assinatura Principal	9
Cores principais	10
Cores auxiliares	11
Assinatura preta e branca	12
Assinatura colorida	13
Redução	14
Área de respiro	15
Tipografia	16
Elementos Auxiliares	17

Apresentação

O SIV - Sistema de Identidade Visual - é uma forma unificada e coerente de elementos e aplicações gráficas que seguem um padrão normativo e representativo de uma instituição. O conjunto consiste basicamente na marca gráfica de uma instituição e suas possibilidades de reprodução nos meios de comunicação visual por ela utilizados. Esse manual visa instruir como essa reprodução deve ser feita, visando a legibilidade e consolidação da marca.

4

Conceitos Básicos

Marca: Representação estética de uma iniciativa de forma a identificá-la, pode compreender aspectos visuais, auditivos, olfativos, palatáveis e táteis.

Logotipo: Representação da marca nominalmente, baseada em uma fonte tipográfica já existente ou na criação de elementos que compõem o nome da marca.

Elementos auxiliares: elementos gráficos criados a partir do conceito da marca para serem utilizados de forma a identificá-la ou decorar peças sem ser necessário sempre recorrer ao logo, para ele não seja banalizado.

5

Pomar Solidário

O Pomar Solidário é uma iniciativa criada para diminuir a perda de frutas na região do Park Way, no Distrito Federal. Através do trabalho de conclusão de curso, da graduação em Design, a aluna Giovanna Mundstock revitalizou um ponto de ônibus na região e nele criou um ponto de compartilhamento de frutas para que os moradores possam deixar as frutas cultivadas em seus pomares e pegar a de outros vizinhos, promovendo uma troca entre a comunidade.

6

Valores de Marca

Os valores da marca se baseiam na **qualidade de vida** de moradores e prestadores de serviço da região e do **melhor aproveitamento dos alimentos**. Bem como na **solidariedade** e no **participação ativa da comunidade** como instrumento de mudança social e ambiental.

7

Logotipo

Ao lado, apresentamos a construção do logotipo, feito a mão livre., com a caligrafia da autora do projeto.



8

Assinatura principal



A **assinatura principal** consiste da principal e ideal maneira de apresentar a marca. Portanto o uso desta assinatura deve ser **privilegiado** sempre que possível em detrimento das demais, a fim de facilitar a identificação pelo usuário.

O uso correto desta assinatura ocorre seguindo as informações deste manual de maneira geral, sendo possível aplicá-la sobre fundos compostos das cores auxiliares, sobre fotografias com contraste adequado (quando a legibilidade estiver boa) e sobre fundos brancos normais, sempre respeitando o respiro ao redor da marca e a composição original dos elementos individualmente e das relações dos elementos entre si.

9

Cores principais

A cor principais são as cores utilizadas na assinatura principal. Elas foram definidas por serem cores frequentemente associadas à flora e por se destacarem em relação à paisagem urbana do bairro. As 3 cores escolhidas foram denominadas em referências a frutas com tons similares. A lado são apresentados os padrões cromáticos mais utilizados, o seu código RGB deve ser utilizado para monitores, o CMYK para impressões e o hexadecimal para web, do coral Papaya, verde Graviola e vinho Açai.



Papaya
R234 G81 B83
C0 M80 Y60 K0
#ff6666



Açaí
R102 G0 B51
C36 M100 Y38 K54
#660033



Graviola
R0 G153 B102
C82 M12 Y73 K0
#009966

10

Cores Auxiliares

Cores autorizadas para fundo colorido:



Maracujá
R255 G227 B108
C2 M9 Y67 K0
#ffff99



Uva
R147 G72 B149
C51 M81 Y0 K0
#993399



Lichia
R237 G237 B237
C0 M0 Y0 K10
#ededed



Cassis
R51 G51 B151
C69 M60 Y56 K66
#333333



Pitaya
R255 G102 B153
C0 M73 Y10 K0
#ff6699



Mirtilo
R60 G165 B194
C71 M16 Y20 K0
#3ca5c2

A paleta de cores auxiliares determina que cores podem ser utilizadas pela marca em suas mais diversas aplicações. Todas as cores apresentadas podem ser utilizadas como cores para os elementos auxiliares ou para variações de assinaturas coloridas. Entretanto só as cores sinalizadas podem ser utilizadas para fundos coloridos na aplicação da assinatura principal.

11

Assinatura preta e branca



Essa é uma versão do logotipo criada para impressões em preto e branco. Devem ser priorizadas sempre as assinaturas principal e colorida da marca (apresentada a seguir). Visto que elas passam mais alegria e vida ao logotipo, algo que tem tudo a ver com a vivacidade e multiplicidades das plantas e frutos. Costuma funcionar bem em cima de fundos heterogêneos.

12

Assinatura colorida



A previsão de assinaturas coloridas é feita para os casos onde não se queira usar uma assinatura preta e branca ao mesmo tempo que o contraste com as cores principais da marca com o fundo não seja adequado. Para essa assinatura podem ser utilizadas quaisquer duas cores previstas em manual, contanto que elas mantenham o contraste simultâneo entre si e em relação ao fundo. Essa é uma previsão de uso ousada, entretanto adotada já que a marca foi criada e é gerida por uma designer.

13

Redução

O limite de redução é o menor tamanho no qual uma marca gráfica pode ser reproduzida mantendo sua legibilidade. Ao lado apresentam-se os limites de redução de ambas as assinaturas. A assinatura principal não deve adquirir tamanhos inferiores à 9mm de altura ou 40mm de largura.

9mm | *Pomar Solidário*
40mm

14

Área de respiro



A área de respiro é o espaço físico mínimo que deve haver em torno do logotipo para que sua leitura e percepção não sejam prejudicadas pela presença de outros elementos gráficos, como texto, fotos ou outras marcas.

A área de respiro das assinaturas *espaço negativo da letra "a"*. No caso da assinatura principal, deve-se estabelecer no mínimo duas unidades dessa medida de distância entre os limites do logotipo e outros elementos.

Tipografia

Sacramento
 ABCDEFGHIJKLMNOP
 NOPQRSTUVWXYZ
 abcdefghijklmnopqrstuvwxyz
 123456789

A Sacramento foi escolhida como fonte de título para este projeto devido a suas suas linhas orgânicas e divertidas, que remetem à escrita manual. Recomenda-se que nunca seja usada inteiramente em letras maiúsculas a fim de que não perca suas ligaduras.

Pacifico
 ABCDEFGHIJKLMNOP
 NOPQRSTUVWXYZ
 abcdefghijklmnopqrstuvwxyz
 123456789

Nos casos em que a Sacramento não apresente boa legibilidade, ela poderá ser substituída pela Pacifico. Recomenda-se que nunca seja usada inteiramente em letras maiúsculas a fim de que não perca suas ligaduras.

Lato
 ABCDEFGHIJKLMNOPQRSTUVWXYZ
 abcdefghijklmnopqrstuvwxyz
 123456789

A Lato foi escolhida como fonte de texto pela sua harmonia com os demais elementos da marca e por funcionar bem na legenda das assinaturas principal e por sua boa leitura em textos curtos e medianos.

16



Elementos Auxiliares

Os elementos auxiliares são peças visuais geradas a partir de elementos da marca que visam reforçar os princípios estéticos e informativos que se espera passar. Eles são importantes para gerar novas composições que conversem dentro do sistema de identidade visual, complementando as assinaturas e evitando o uso excessivo destas. Como elementos auxiliares foram criadas a frutas já utilizadas na sessão de cores desse manual e a árvore ao lado, que pode ser utilizada como parte de uma composição, ou grafema (aplicação utilizada no sumário).

17

Autoria:
Giovanna Mundstock
Sob orientação da professora:
Nayara Moreno

Diplomação em Design
Universidade de Brasília





APÊNDICE E

Clipping das reportagens



Professores contra a reforma da Previdência

Em assembleia, categoria apoia greve geral e cria campanha "Fora Weintraub", em defesa da Educação

Sinpro-DF - Página 5

Brasília Capital

Ano VIII - 417

Brasília, 15 a 21 de Junho de 2019

Governos são obrigados a revisar salários

Atualização deve ser feita para corrigir a desvalorização monetária da inflação, mas STF adia a decisão.

SindIMédico - Página 6

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

Brasília Capital ■ Cidades ■ 5 ■ Brasília, 15 a 21 de Junho de 2019 - bsbcapital.com.br



Moradores doam excesso de produção de seus quintais para o projeto

Pomar solidário no Park Way

No Park Way, muitos moradores cultivam árvores frutíferas e hortas com legumes e verduras. Na maioria dos casos, a produção caseira ultrapassa o consumo das famílias. Pesquisa acadêmica feita pela moradora Giovanna Mundstock demonstrou que 84% da população não consomem sozinha a produção de suas casas e 55% relataram haver grande desperdício de frutas.

Diante desse quadro, Giovanna implementou o projeto Pomar Solidário do Park Way. A iniciativa atendeu aos anseios de 84% dos moradores ouvidos, que manifestaram interesse em doar para vizinhos, colaboradores ou instituições de caridade suas colheitas domésticas.

Uma ideia simples, mas eficaz: um ponto de compartilhamento de frutas e hortigranjeiras. Na quadra 14, conjunto 5, em frente ao lote 2, um abrigo de ônibus foi revitalizado e decorado para abrigar o projeto. Ali, cada morador deixa o que colheu: chuchu, laranja, banana, batata... o que for. E quem não tem, pega o que quiser.



Alimentos na parada de ônibus

Ganchos para pendurar sacolas foram fixados na parada, que também conta com uma estante. Ninguém vigia ou fiscaliza. Havendo excedente, ele é recolhido diariamente e encaminhado para instituições de caridade. "O único apelo é que pegue apenas aquilo que for consumir, explica Giovanna, que está concluindo o curso de Designer de Serviços na UnB. Fica o convite a quem quiser compartilhar suas colheitas domésticas. O endereço no Instagram é @pomarsolidario.

Professores aprovam calendário de luta e fortalecem a greve geral



Em frente ao Congresso, trabalhadores montam mosaico contra a reforma da Previdência

Em Assembleia Geral na sexta-feira (14), na Praça do Buriti, professores(as) e orientadores(as) educacionais do magistério público do Distrito Federal aprovaram a continuidade do Sindicato dos Professores (Sinpro-DF) no Fórum Distrital de Luta contra a Reforma da Previdência para executar novas ações contra a reforma. Aprovaram também a adesão do Sinpro-DF ao calendário nacional e à luta unificada das centrais sindicais contra a reforma da Previdência; a realização de uma nova campanha em defesa da educação intitulada "Fora Weintraub!"; e o calendário.

Está prevista uma agenda na próxima semana, na Câmara Legislativa do DF. A direção avisou que, se necessário, o Sinpro-DF chamará nova Assembleia com paralisação e compactação de horários. Rosilene Corrêa, diretora da entidade, alertou para a importância de o sindicato estar unificado na luta geral da classe trabalhadora. "Tivemos aqui nesta Assembleia outros sindicatos, a CUT e outras centrais. Integramos uma organização de movimentos unificados. As medidas do governo Ibaneis não atingem somente os professores e sozinhos não iremos resolver nada. A gente se fortalece quando a gente se une", observou. A assembleia contou com a participação da deputada federal Érika

Kokay (PT-DF) e dos distritais Arlete Sampaio (PT), Chico Vigilante (PT), Fábio Félix (PSOL), Leandro Grass (Rede) e Reginaldo Veras (PDT). Os(as) sindicalistas deram informações sobre a Greve Geral que ocorreu nesta sexta, em todo o país. Os(as) parlamentares, por sua vez, analisaram a conjuntura e posicionaram-se contra a reforma da Previdência.

GREVE GERAL - A Rodoviária do Plano Piloto amanheceu deserta. Nas ruas, nenhum transporte coletivo. Todos pararam contra a reforma da Previdência, contra os



ataques à educação e por mais empregos. "Paramos um dia para evitar o retrocesso de uma vida inteira. Paramos a produção para mostrar que quem move o Brasil e a economia brasileira somos nós, trabalhadores. Não vamos aceitar que nenhum fascistinha, capitãozinho ou seja lá quem for retire nossos direitos; coloque nosso povo de volta na miséria, nos prive de educação, saúde e de segurança. Não permitiremos o fim das aposentadorias, a privatização das estatais, o desemprego, o roubo das terras de trabalhadores rurais, quilombolas e indígenas. Nossa luta é também por um Estado Democrático de Direito! E é por isso que paramos neste dia 14, na Greve Geral da classe trabalhadora", afirma o presidente da CUT Brasília, Rodrigo Britto.

22/06/2019

Pomar solidário no Park Way – por Chico Sant'Anna

por Chico Sant'Anna

Um olhar diferenciado de Brasília por quem defende o prazer de morar na cidade e o orgulho de ser brasileiro, por opção ou nascimento.

AGRICULTURA & ALIMENTOS, BRASÍLIA - DF, DISTRITO FEDERAL, PARK WAY

Pomar solidário no Park Way

Data: 13/06/2019 Autor: Chico Sant'Anna 1 Comentário



No Pomar Comunitário, moradores do Park Way compartilham gratuitamente suas colheitas de hortigranjeiros.

desperdício de frutas

Foi diante desse quadro que Giovanna, se valendo do velho adágio popular “quem tem, põe, quem não tem, tira” implementou o Pomar Solidário do Park Way. A iniciativa atendeu aos anseios de 85% dos moradores ouvidos na pesquisa, que manifestaram interesse em doar para vizinhos, colaboradores ou instituições de caridade suas colheitas domésticas.



Na quadra 14, conjunto 5, em frente ao lote 2, um abrigo de ônibus foi revitalizado e decorado para abrigar o projeto. Cada morador deixa o que colheu: chuchu, laranja, banana, batata..., o que for. E quem não tem, pega o que desejar.

Por Chico Sant'Anna

O Park Way é um bairro onde muitos moradores cultivam árvores frutíferas e até mesmo hortas com legumes e verduras. Na maioria dos casos, as produções caseiras ultrapassam o consumo dos moradores e familiares. Pesquisa acadêmica realizada por uma das moradoras, Giovanna Mundstock, demonstrou que 84% dos moradores ouvidos relatam não conseguir consumir sozinhos a produção de suas casas e que 55% deles relataram haver grande

Trata-se de uma ideia simples, mas eficaz: um ponto de compartilhamento de frutas e hortigranjeiros. Na quadra 14, conjunto 5, em frente ao lote 2, um abrigo de ônibus foi revitalizado e decorado para abrigar o projeto. Ali, cada morador deixa o que colheu: chuchu, laranja, banana, batata..., o que for. E quem não tem, pega o que desejar. Ganchos para pendurar sacolas foram fixados na parada que também conta com uma estante. Ninguém vigia, ou fiscaliza. Havendo excedentes, ele é recolhido diariamente e encaminhado para instituições de caridade

Naquela parada de ônibus é a solidariedade quem governa. O único apelo é que não haja desperdício. “Que pegue apenas aquilo que for consumir, tá

22/06/2019

Pomar solidário no Park Way – por Chico Sant'Anna

Na quadra 14, conjunto 5, em frente ao lote 2, um abrigo de ônibus foi revitalizado e decorado para abrigar o projeto.



O único apelo é que não haja desperdício. “Que pegue apenas aquilo que for consumir, tá certo?” – explica Giovanna pelas redes sociais do bairro.

certo?” – explica Giovanna pelas redes sociais do bairro.

Giovanna, 24 anos, conta que a iniciativa teve a ver com o curso que ela está concluindo na UnB, onde se especializa em Designer de Serviços, mas também por acreditar em

voluntariado e ser contra o desperdício de alimentos.

Fica aí, então o convite a todos que quiserem compartilhar suas colheitas domésticas, e o exemplo a outros bairros do DF. Quem quiser acompanhar nas redes sociais, o endereço no instagram é o @pomarsolidario .



Publicado por Chico Sant'Anna

Sou jornalista profissional, documentarista, moro em Brasília desde 1958. Trabalhei nos principais meios de comunicação da Capital Federal e lecionei Jornalismo também nas principais universidades da cidade. Ver todos os posts de Chico Sant'Anna

Um comentário em “Pomar solidário no Park Way”

Adicionar comentário

1. Giovanna Mundstock disse:

13/06/2019 às 18:39

Muito obrigada pelo registro Chico! Excelente texto! Fico feliz que tenha gostado da iniciativa!

Responder

22/06/2019

Pomar solidário no Park Way | Gama Livre

 More

gvmundstock@gmail.com Dashboard Sign Out

Gama Livre

“ Imprensa é oposição. O resto é armazém de secos e molhados.”

(Millôr Fernandes)

domingo, 16 de junho de 2019

Pomar solidário no Park Way

Domingo, 16 de junho de 2019
Do Blog Brasília, por Chico Sant'Anna



No Pomar Comunitário, moradores do Park Way compartilham gratuitamente suas colheitas de hortigranjeiros.

Na quadra 14, conjunto 5, em frente ao lote 2, um abrigo de ônibus foi revitalizado e decorado para abrigar o projeto. Ali, cada morador deixa o que colheu: chuchu, laranja, banana, batata..., o que for. E quem não tem, pega o que desejar.

Por

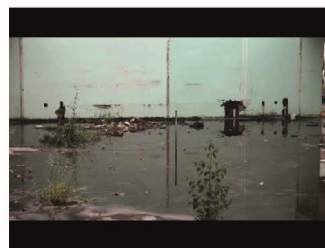
Chico Sant'Anna

O Park Way é um bairro onde muitos moradores cultivam árvores frutíferas e até mesmo hortas com legumes e verduras. Na maioria dos casos, as produções caseiras ultrapassam o consumo dos moradores e familiares. Pesquisa acadêmica realizada por uma das moradoras, Giovanna Mundstock, demonstrou que 84% dos moradores ouvidos relatam não conseguir consumir sozinhos a produção de suas casas e

Destaque

A morte matada do Centro de Saúde 8 do Gama. Vídeo de 22/4/2019

Terça, 23 de abril de 2019 Imagens da tarde de 22/4/2019 No último dia 20 de abril, por volta das 10 horas, foi realizado ...



Minha lista de blogs

1 ContextoExato | O Portal de Notícias

2 PEC 241/2016

3 Brasília, por Chico Sant'Anna
E Brasília está ficando sessentona

Auditoria Cidadã da Dívida - Home | Facebook

Bahia em Pauta

"Aproveita Gente", Luiz Gonzaga: no resfolego das melhores sanfonas a turma do BP toma folga para festejar o São João em Irecê. Até a volta!

BLOG DO SIRO DARLAN

O Moises do CRAD de Del Castilho.

Congresso em Foco

Nova frente pela redução da maioria penal reúne mais de 200 parlamentares

Helio Fernandes

Mauro Santayana
ADEUS ÀS ASAS

Náufrago da Utopia
SUBMETEM-SE DOCILMENTE À NOVA FORMA DE ESCRAVIDÃO DOS DIAS ATUAIS AQUELES QUE DESCONHECEM A PRÓPRIA FORÇA!

Outra Saúde

O último ministro

Políticos - Análise Política com Coragem

POLÍTICA ECONÔMICA DO PETRÓLEO

22/06/2019

Pomar solidário no Park Way | Gama Livre

que 55% deles relataram haver grande desperdício de frutas

Foi diante desse quadro que Giovanna, se valendo do velho adágio popular “quem tem, põe, quem não tem, tira” implementou o Pomar Solidário do Park Way. A iniciativa atendeu aos anseios de 85% dos moradores ouvidos na pesquisa, que manifestaram interesse em doar para vizinhos, colaboradores ou instituições de caridade suas colheitas domésticas.

[Leia a íntegra](#)

Postado por Taciano às 23:31:00 

Marcadores: [chico sant'anna](#)

[Postagem mais recente](#)

[Página inicial](#)

[Postagem mais antiga](#)

A NECESSÁRIA INTERVENÇÃO ESTATAL NA ECONOMIA Wladimir Coelho

Ponte Jornalismo

Usada pela polícia para abordar e, em muitos casos, justificar violações, ‘fundada suspeita’ é subjetiva

Pública

Do Stonewall à Parada do Orgulho LGBT

Saúde Popular

Artigo | Medicamentos: insumos de saúde para nós, mercadoria para o Governo?

Sensacionalista

Moro diz que hacker trocou cônjuge por conje no corretor de seu celular

TRIBUNA DA IMPRENSA SINDICAL

A MANIPULAÇÃO DA CÁRMEN LÚCIA

TRIBUNA DA INTERNET

Está claro que não houve transgressão às normas nos diálogos de Moro e Dallagnol

Arquivo do blog

▼ 2019 (1043)

▼ Junho (122)

[A Cintura do mundo](#)

[Neste sábado \(22/6\) tem final de semestre do proje...](#)

[La Negra en mi voz. Ana Negrello canta Mercedes S...](#)

[Livro: Jornalista de Brasília lança hoje \(21/6\) à ...](#)

['Normalidade anormal', é a nota pública da Associa...](#)

[Membro da Associação Brasileira dos Membros do Min...](#)

[Você é o culpado, viu seu merda!!!](#)

[O reino do medo](#)

[Um país de oportunistas](#)

[Em dia mundial, chefe da ONU denuncia uso da violê...](#)

[Justiça decreta prisão de filhos de deputada feder...](#)

[Revelação como "Em Fux podemos confiar" e investig...](#)

[Jair Bosonaro — A pergunta que não quer calar](#)

[MPF repudia reedição de medida provisória que devo...](#)

[Este inconveniente](#)

[A CONDIÇÃO CULTURAL PÓS-MODERNA E A ÉPOCA DO HIPER...](#)

[Governo federal comemora queda de homicídios no Br...](#)

[Ministério Público do DF representa contra o Serpr...](#)

[Pesquisa científica: informação e falácias](#)

[Meio ambiente: Justiça determina que a ANM suspend...](#)

[PGR questiona pagamento de honorários de sucumbênc...](#)

[Moro teria ignorado investigação da PF sobre prova...](#)

[Bluesman: O curta do rapper baiano Baco Exu do Blu...](#)

[Alarme: bicicletas!](#)

22/06/2019

POMAR SOLIDÁRIO – SOS Brasília – Novo



POMAR SOLIDÁRIO

📍 SOS Brasília (<https://sosbrasil.com.br/author/sosbrasil/>) 📅 junho 19, 2019 (<https://sosbrasil.com.br/2019/06/19/>) ⌚ 12:15 pm
 💬 No Comments (<https://sosbrasil.com.br/2019/06/19/pomar-solidario/#respond>)

A população do Distrito Federal é formada por pessoas oriundas de vários estados e países. A variedade de origens, sotaques e idiomas transformou Brasília em terra de criatividade.

Todos os dias surgem novidades nas questões sociais, projetos instalados sem qualquer colaboração governamental, e que se tornam em exemplos de solidariedade.

A ideia mais remota que me vem à memória foi a criação do “Açougue Cultural” originário da Casa de Carne Tbone Steak de propriedade de Luiz Amorim que, em 1994, instalou a “Biblioteca Popular” que chegou a 200 mil livros disponíveis em paradas de ônibus.

O “Açougue Cultural” ficou famoso e recebia cantores renomados. O público, em algumas apresentações, chegou a mais de 15 mil pessoas na comercial da 312 Norte.

Mais recentemente, a “Geladeira Solidária”, outro projeto social da cidade, levou aos menos favorecidos a possibilidade de retirar seu alimento nos dias de necessidade. A distribuição de sopa no inverno, a ação do Polícia Militar na coleta de cobertores para distribuição durante o inverno, e tantos outros programas solidários estão espalhados em todo o Distrito Federal.

Tempos atrás, os restaurantes solidários, ao fim dos serviços, forneciam alimentos aos carentes. Com o passar dos anos, órgãos de fiscalização de saúde passaram a punir os que, ao invés de descartar no lixo os alimentos não consumidos, os entregavam aos moradores de rua. Com esta limitação, e os possíveis riscos de contaminação, os restos de alimentos, ainda que em perfeito estado de conservação, passaram a ser depositados em caçambas que são descartadas nos lixões. Lá, misturados com lixo, são resgatados pelos catadores. Triste fim!

Felizmente, novos caminhos são abertos. Na SMPW, quadra 14, sob a liderança de uma jovem moradora, Giovanna Mundstock, foi realizada uma pesquisa sobre desperdício de frutas na região. O resultado não foi surpreendente: 55% dos moradores relatam grande desperdício de frutas; 84% dos moradores relatam não conseguir consumir a produção de suas hortas e pomares, 85% dos moradores manifestaram interesse em doar para vizinhos, colaboradores ou instituições de caridade o excesso da produção.

A constatação da pesquisadora a levou a criar o Pomar Solidário em um ponto de ônibus na quadra 14, conjunto 5, em frente ao lote 2. As pessoas são orientadas a deixar sua produção excedente sobre o banco do ponto, ali deixam caixas com frutas, verduras, hortaliças e, se tiverem interesse em algum produto, também podem levá-los.

A única recomendação é bem simples: pegar somente o que for consumir. O que sobrar será encaminhado diariamente às instituições de caridade. A expressão: “É dando que se recebe”, nos dias de hoje, pode estar desacreditada, porém, sua essência se fará perene naqueles que acreditam em dias melhores.

Brasília, 18 de junho de 2019.

Paulo Castelo Branco.



(<https://sosbrasil.com.br/2018/11/21/ceilandia-no-poder/>)

CEILÂNDIA NO PODER

(<https://sosbrasil.com.br/2018/11/21/ceilandia-no-poder/>)

21 de novembro de 2018

Em "Boca no Trombone"



(<https://sosbrasil.com.br/2019/04/23/programa-fabrica-social-muda-a-vida-de-muita-gente-no-df/>)

Programa Fábrica Social muda a vida de muita gente no DF

(<https://sosbrasil.com.br/2019/04/23/programa-fabrica-social-muda-a-vida-de-muita-gente-no-df/>)

23 de abril de 2019

Em "Boca no Trombone"



(<https://sosbrasil.com.br/2019/04/05/sergio-moro-ganha-apoio-do-povo-brasileiro-para-botar-corruptos-na-cadeia/>)

Sérgio Moro ganha apoio do povo brasileiro para botar corruptos na cadeia

(<https://sosbrasil.com.br/2019/04/05/sergio-moro-ganha-apoio-do-povo-brasileiro-para-botar-corruptos-na-cadeia/>)

5 de abril de 2019

Em "Jogo Aberto"



SOS Brasília

O programa SOS Brasília traz a notícia do jeito que ela acontece, de cara limpa, sem máscaras. Apresentado pelo jornalista Ricardo Noronha, com o objetivo de mostrar os problemas do Distrito Federal e entorno, exigindo do

<https://sosbrasil.com.br/2019/06/19/pomar-solidario/?unapproved=177&moderation-hash=ccf2dee991b58400c78395281ac7bc75#comment-177> 1/3